



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS

ENDIVIDAMENTO: QUANDO A DÍVIDA COMPROMETE A SAÚDE MENTAL

FORTALEZA- CEARÁ

2021

ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS

ENDIVIDAMENTO: QUANDO A DÍVIDA COMPROMETE A SAÚDE MENTAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Administração. Área de Concentração: Gestão e Estudos Organizacionais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Verónica Lúdia Peñaloza Fuentes

FORTALEZA-CEARÁ

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas**

Vasconcelos, Isadora Morais Duarte de.

Endividamento: quando a dívida compromete a saúde mental. [recurso eletrônico] / Isadora Morais Duarte de Vasconcelos. - 2021.

72 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Programa de Pós-graduação Em Administração - Mestrado, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof.^a Dra. Veronica Lidia Penaloza Fuentes.

1. Dívida. Endividamento. Saúde Mental.. I. Título.

ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS

ENDIVIDAMENTO: QUANDO A DÍVIDA COMPROMETE A SAÚDE MENTAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Administração. Área de Concentração: Gestão, Organizações e Ambientes.

Aprovado em: 28 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Verónica Fuentes

Prof.^a Dra. Verónica Lidia Peñaloza Fuentes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Cleide Carneiro

Prof.^a Dra. Cleide Carneiro
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Erasmus Miessa Ruiz

Prof. Dr. Erasmo Miessa Ruiz
Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Diante da realização de um sonho que foi a conclusão do mestrado, tenho muito a agradecer a todos que fizeram parte dessa caminhada.

A Deus, que me deu o dom da vida, sabedoria para escolher os caminhos certos, condições e forças para vencer essa etapa na minha vida.

Aos meus pais, Leila e Severo, meus irmãos, André e Davi, todo amor e gratidão pelo apoio e amor incondicionais durante toda a vida e por sempre serem tão zelosos com minha educação, despendendo toda assistência na minha formação acadêmica e profissional.

Aos meus amigos da vida, que foram tão importantes nessa etapa, me incentivando, escutando e acreditando que este sonho seria possível. Sobretudo, Liana, Leticia, Helaine, Viviane e aos amigos que o mestrado me deu de presente, Arthur, Tiago, Andressa e Thais, por terem dividido alegrias e dificuldades, tornando a caminhada mais leve e feliz. Ademais, os meus colegas de mestrado da turma 16, pela ajuda e companheirismo, tornando as nossas aulas e rotinas divertidas.

Ao Raj, pelos conselhos e apoio que sempre me fortaleceram e encorajaram a continuar. Por sempre acreditar em mim e ser inspiração na vida acadêmica.

Ao PPGA-UECE, seu corpo de funcionários sempre receptivos e solícitos a nos ajudarem, e seu corpo docente que contribuíram e se dedicaram, enriquecendo o nosso aprendizado. Especialmente, à Profa. Verónica por ter me acompanhado nessa jornada acadêmica, pelas suas orientações e auxílio na construção da minha formação como mestre. E à minha amiga e professora Ana Zenilce por toda a sua contribuição e acompanhamento durante a minha formação, principalmente no meu estágio à docência.

Aos professores da vida, àqueles que contribuíram em toda a minha formação e que me possibilitaram adquirir conhecimento. Em especial aos professores da banca: Profa. Cleide, que acompanha a minha formação com tanto zelo e apoio desde a graduação; e, Prof. Erasmo que atenciosamente dispôs-se a participar desse momento. Minha gratidão por todas as apreciações e contribuições na minha dissertação.

À FUNCAP, pelo incentivo e apoio através da bolsa de pesquisa, possibilitando o desenvolvimento da dissertação e obtenção do título de mestre.

E a todos aqueles que estiveram comigo nesse processo, colaborando e apoiando, inclusive a todos os sujeitos de pesquisa que se disponibilizaram a participarem do meu estudo.

Minha gratidão a todos!

“O conhecimento é o ato de entender a vida.”

(Aristóteles)

RESUMO

O endividamento dos indivíduos é um fenômeno complexo presente na sociedade, incorporando não só contextos sociais e econômicos, mas elementos comportamentais e subjetividades, onde o aspecto psicológico é também relevante, quando se percebe que este fenômeno apresenta relação com aspectos da saúde daqueles que possuem dívidas. Desta maneira, o presente estudo propõe investigar a relação entre o endividamento dos indivíduos e a sua saúde mental. Tem como objetivo principal compreender a relação entre o endividamento dos indivíduos e o impacto na sua saúde mental; e, como objetivos específicos identificar os aspectos mentais que estão relacionados com o fenômeno do endividamento dos indivíduos e conhecer a percepção dos sujeitos sobre a relação entre endividamento e saúde mental. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, sendo as entrevistas realizadas no período de março de 2021. O instrumento para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade, realizada com 10 indivíduos. A análise dos dados qualitativos foi feita por meio da análise de conteúdo como proposto por Minayo (2004). Convém destacar, que o projeto de pesquisa da dissertação atendeu a todos os princípios da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi submetido à análise, obtendo outorga do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará. As entrevistas com os sujeitos participantes do estudo foram capazes de elucidar a relação entre o endividamento e aspectos da saúde mental dos indivíduos, construindo categorias analíticas e interpretativas, das quais se pode considerar que esta relação se apresenta em duas dimensões: a dimensão psicossocial e a dimensão psicofisiológica. A dimensão psicossocial está relacionada às vivências, trabalho, culpa, incapacidade e restrições que são vivenciadas pelos indivíduos endividados, enquanto, a dimensão psicofisiológica reflete os sintomas psicoemocionais e somáticos percebidos na saúde.

Palavras-chave: Dívida. Endividamento. Saúde Mental.

ABSTRACT

The indebtedness of individuals is a complex phenomenon present in society, incorporating not only social and economic contexts, but behavioral elements and subjectivities, where the psychological aspect is also relevant, when it is perceived that this phenomenon is related to health aspects of those who have debts. This study proposes to investigate the relationship between indebtedness and mental health. The aim of the study is to understand the indebtedness of individuals and the impact on their mental health; and, as specific objectives, to identify the mental aspects that are related to the phenomenon of individuals' indebtedness and to know the subjects' perception of the relationship between indebtedness and mental health. This is a descriptive-exploratory study, with a qualitative approach, and the interviews were conducted in the period of March 2021. The instrument for data collection was the in-depth interview, conducted with 10 individuals. The analysis of qualitative data was done through content analysis as proposed by Minayo (2004). This research met all the principles of Resolution 466/2012 of the National Health Council and it was submitted to analysis, obtaining a grant from the Research Ethics Committee of the State University of Ceará. In-depth interviews with individuals were able to construct analytical and interpretative categories from which it can be considered that the relationship between indebtedness and mental health has two dimensions: the psychosocial dimension and the psychophysiological dimension. The psychosocial dimension is related to the experiences, work, guilt and restrictions that are experienced by indebted individuals, while the psychophysiological dimension reflects the psycho-emotional and somatic symptoms. With the present study, it was possible to elucidate the relationship between indebtedness and aspects of individuals' mental health.

Keywords: Debt. Indebtedness. Mental health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CNDSS	Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONS	Office for National Statistics
SFN	Sistema Financeiro Nacional Brasileiro
SPC	Brasil Serviço de Proteção ao Crédito
SUS	Sistema Único de Saúde
TMC	Transtorno Mental Comum
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
	PARTE I - DA DÍVIDA AO ENDIVIDAMENTO	15
2.1	A Dívida	15
2.2	O Endividamento	18
2.2.1	Endividamento: Indivíduo, Sociedade e Consumo	18
2.2.2	Endividamento no campo das ciências sociais	21
	PARTE II- ENDIVIDAMENTO: INDIVÍDUO E SAÚDE	23
2.3.	O indivíduo endividado e os aspectos da saúde mental	23
2.4	A relação entre endividamento e saúde na literatura	26
3	METODOLOGIA DO ESTUDO	31
3.1	Tipo e natureza do estudo	31
3.2	Contexto e período do estudo	31
3.3	Sujeitos/participantes do estudo	31
3.4	Técnicas e instrumentos de coletas de dados	32
3.5	Análise e interpretação dos dados	33
3.6	Aspectos éticos da pesquisa	33
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
4.1	Endividamento e Saúde Mental: a dimensão psicossocial	36
4.2	Endividamento e Saúde Mental: a dimensão psicofisiológica	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
	APÊNDICES	67
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	67
	APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) 68	
	ANEXOS	70
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	70

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, é muito difícil encontrar indivíduos com um espaço de liberdade pessoal, responsabilidade pessoal e civil que não tenha a vivência de contrair uma dívida ao menos uma vez na vida, pode ser pequena ou de grande monta, mas a realidade é que as dívidas se fazem presente nas vivências da maioria das pessoas nessa ordem econômica, podendo gerar um desconforto e afetar a saúde mental daqueles que estão endividados. A dívida é uma promessa feita no âmbito das relações sociais implicada em obrigações éticas e princípios morais. Nessa temática, segundo Graeber (2014), a dívida é a essência da sociedade, proveniente de uma dívida divina que incorpora, com o sentimento de pertencimento social, elementos coletivos, passando a ser uma dívida social e comina na incorporação pelo Estado.

A compreensão que se tem da dívida parece estar ligada a percepção de endividamento que temos nos dias atuais, no contexto da sociedade contemporânea ligada ao consumo, ao acesso a crédito e ao mercado, mas é preciso compreendê-la como um fenômeno mais abrangente. Desta maneira, definir a dívida de maneira apenas econômica nos leva a pensá-la apenas na dimensão monetária, mas requer considerá-la como um elo existente na existência humana com significados sociais e morais, que assumiu diversas formas de acordo com as sociedades, grupos sociais, comportamento, relações sociais no decorrer da história, sempre moldada por contextos sociais, econômicos, culturais, políticos e jurídicos (GUÉRIN, 2018).

As dívidas apenas mudaram de significado nas sociedades modernas devido aos vários níveis de socialização nas instituições, onde a ética não se reduz aos princípios morais finais para manter uma ordem social, pois as dívidas de vida na sociedade capitalista se transformam nas dívidas comerciais pautadas na lei, na ética e nas negociações, utilizando as moedas como pagamento; sejam moedas públicas, como os impostos, ou moeda de mercado para garantir a unidade da sociedade, sendo assim, um fato simultaneamente mental, social, individual, coletivo, ideal e material (THÉRET, 2011). Nessa incorporação do público e do privado na questão da dívida, percebe-se a dívida como elemento presente em questões que vão desde da dívida em contextos globais nos países, como a dívida pública, dívida externa, até a dívida dos sujeitos, o endividamento pessoal.

Nesse contexto, dentro da temática da dívida, a compreensão do endividamento dos indivíduos, como objeto de estudo, precisa ser abordado como um fenômeno relevante e cada vez mais comum na sociedade, relacionado ao contexto de vivências dos sujeitos inseridos na vida social, incorporando suas subjetividades, construções sociais, culturais, políticas e econômicas. É preciso considerar as várias dimensões do endividamento como um fenômeno social, inerente ao campo das ciências sociais, que esteve sempre presente através das dívidas ao longo das sociedades e que precisa ser explorada com uma reflexão multidisciplinar pelas ciências sociais.

Para Hours e Ould-Ahmed (2013) a dívida expõe o indivíduo num contexto de muitos significados, pois para muitos pode ser um empreendedorismo voltado para os negócios; mas para outros, pode estar ligada à má gestão de contas pessoais ou, até mesmo, a dívida aparece como a causa das crises financeiras, falência de bancos, Estados e empresas, repercutindo diretamente no endividamento de famílias também; pois, nessa construção social da relação que envolve as dívidas, os sujeitos podem ser tanto credores, como devedores, tendo como operadores da dívida: os governos, bancos e mercado.

Nesse campo, o endividamento dos indivíduos é um fenômeno crescente em diversos países, pertencente ao contexto da sociedade de consumo e a economia do endividamento estruturados no sistema capitalista, onde essas pessoas endividam-se para estarem inseridas na própria sociedade de consumo. Percebe-se que, nessa perspectiva, a economia do endividamento, estruturada com um papel ativo e crescente no pós-guerra, que com o crescimento econômico dos países europeus, houve uma participação ativa dos bancos na distribuição de empréstimos e oferta constante de crédito se estendendo ao consumo das famílias nas décadas de 50 e 60, com um crescente endividamento do consumidor em países europeus, Austrália, Canadá, Dinamarca, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos (GUTTMANN; PLIHON, 2008).

Nessa conjuntura do endividamento, muitas vezes o indivíduo consumidor não é protegido quando há uma banalização do contrato de crédito com as esperanças para aqueles que precisam; ou quanto ao crédito rotativo, o fácil acesso e parcelas pequenas encorajam essas pessoas em dificuldades a usá-los para despesas ou reequilibrar seu orçamento (CROSEMARIE, 2007). Em muitos países desenvolvidos como a França, a Alemanha, os Países Baixos, os Estados Unidos, Reino Unido, Canadá já existem legislações voltadas para o reconhecimento da falência civil, que apresentam alguns mecanismos de

intervenção e proteção do consumidor pelo o Estado (MARQUES, 2006). Assim, a compreensão do papel dos fatores na propensão ao endividamento torna-se ainda mais relevante (POTRICH et al., 2016). Afinal, estar endividado já é uma realidade para a maior parte da população mundial, inclusive a brasileira.

Para a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2018) 61,2% da população brasileira encontra-se endividada, com 24,9% de famílias inadimplentes, sendo 10,6% do total das famílias brasileiras não terem possibilidades de quitar as dívidas. Nessas circunstâncias, os níveis de endividamento entre os brasileiros têm crescido nos últimos anos. Dados mais atuais, no contexto da atual pandemia do Covid-19, estima-se que desde 2018 já havia um crescimento do consumo sustentado pelo endividamento, mas por conta desse acontecimento mundial, houve recorde histórico do endividamento dos indivíduos no Brasil, registrando-se em termos absolutos em julho de 2020, o endividamento de 10.952.420 de famílias.

Segundo dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC, 2020) o ano de 2020 já começou com aumento no número de endividados no país, eram 60,8 milhões de pessoas endividadas, 38,8% da população adulta, com uma dívida média de R\$ 3,257,80 reais, concentrados distribuídos nas regiões Norte com 5,82 milhões de endividados, Nordeste com 16,91 milhões, Sudeste 24,60 milhões, Centro-Oeste com 5,15 milhões e Sul com 8,33 milhões. Convém mencionar que dentre os maiores credores das dívidas destacam-se os bancos (52,69%), o comércio (17,49%), comunicações (11,94%) e água e luz (9,85%) (SPC, 2020).

Segundo a World Health Organization (WHO, 2011) os períodos de crises financeiras têm bastante impacto na saúde dos indivíduos e as dívidas aparecem como um dos fatores de risco, apontando inclusive programas de alívio de dívidas como enfrentamento dos efeitos das crises econômicas na saúde mental. Em termos das relações com o endividamento, os elementos psicológicos parecem ser bastante relevantes, pois a aquisição de dívidas pode comprometer tanto a saúde física, quanto a saúde mental das pessoas.

A existência de uma relação entre as dívidas e o processo saúde-doença dos indivíduos, principalmente com relação aos impactos na saúde mental, tem sido abordado em alguns estudos em outros países, principalmente aqueles que consideram a falência civil. Alguns estudos, por exemplo, apontam a relação do endividamento com os transtornos mentais comuns (MELTZER et al., 2013; GUNASINGHE et al., 2018.), alguns relacionam

as dívidas com depressão (GATHERGOOD, 2012; BRIDGES; DISNEY, 2010), outros mostram a associação do endividamento com problemas com o sono e utilização de medicamentos para dormir (WARTH et al., 2019), uma maior utilização de medicamentos antidepressivos na população superendividada (WARTH, 2020).

Portanto, a dívida se apresenta como um fenômeno relevante, principalmente na compreensão do endividamento dos indivíduos e suas implicações com a saúde mental desses sujeitos. Para Warth (2020), essa compreensão interessa aos cuidados em saúde, pesquisa, políticas sociais e aconselhamento de dívidas. Fazendo-se necessário, assim, estudos no contexto do Brasil que apresenta o endividamento como algo crescente e se mostra como um importante campo de pesquisa, pouco explorado. O endividamento do ponto de vista das ciências sociais e como objeto de estudo na Administração enquanto ciência, é assunto interessante e se faz necessário entender como se estrutura a dívida antes e agora nas nossas contemporaneidades.

Logo, se configurou como pergunta norteadora para a expansão de reflexões do campo de pesquisa a seguinte questão: Como ocorre a relação entre o endividamento dos indivíduos e o seu impacto na saúde mental?

Tem-se como objetivo geral: compreender a relação entre o endividamento dos indivíduos e o seu impacto na sua saúde mental. E, como objetivos específicos: identificar os aspectos mentais que estão relacionados com o fenômeno do endividamento dos indivíduos e conhecer a percepção dos sujeitos sobre a relação entre endividamento e saúde mental.

Para cumprir estas finalidades, esta dissertação inicia-se com essa introdução, contendo uma discussão sobre dívida e o endividamento dos indivíduos e sua relação com a saúde mental; segue-se a revisão da literatura, em que se discute sobre a evolução da dívida na sociedade, o endividamento no contexto do indivíduo, sociedade e consumo; o endividamento no campo das ciências sociais; e, são apresentados os aspectos relacionados ao endividamento e saúde mental; tem-se, em seguida, a metodologia, onde se comenta sobre o método da pesquisa e do tratamento dos dados. Após, seguem as análises e discussões sobre os achados do estudo, discutindo a relação entre o endividamento e saúde mental que se apresentou em duas dimensões: a dimensão psicossocial e a dimensão psicofisiológica. E, por fim, as considerações finais da dissertação são apresentadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

PARTE I - DA DÍVIDA AO ENDIVIDAMENTO

2.1 A Dívida

Em sua própria etimologia, originada do latim *debita*, a palavra dívida traz como significado a obrigação, dever moral, legal ou social mediante favor ou bem recebido (MICHELIS, 2020). Segundo Hudson (2004), os significados da palavra dívida em várias línguas são sinônimos de pecado, culpa, punição, dentre outros e, assim, na sua origem a dívida em diversas línguas acaba refletindo uma relação com reparações por danos pessoais. Para Nietzsche (2006), o conceito de culpa “*Schuld*” vem do conceito material de dívida “*Schulden*”, a dívida possui um caráter moral, sendo o credor moralmente superior ao devedor e este sendo legítimo de punição.

Vale destacar que esse aspecto conceitual marca a relação existente entre quem deve e a quem se deve, pois nessa perspectiva é importante enfatizar que a dívida precisa de uma relação social para se consolidar. Para Weber (2002), as relações sociais marcam as condutas de solidariedade de consentimento mútuo entre as partes, esperando-se uma conduta determinável de promessas em relação ao outro, orientada por valores ou fins de corresponder ao acordo, atribuindo responsabilidade. Logo, a dívida vai muito além de um meio monetário existente na relação entre credores e devedores, pois ela carrega em si todo um contexto histórico e social das relações, demarcando obrigações.

Muitos antes do surgimento do mercado de capitais e crédito, o endividamento já marcava as relações de troca baseadas no dever e obrigação moral. As relações estabelecidas entre devedor-credor registrado em dinheiro da conta, antecedem as primeiras moedas em pelo menos dois mil anos (INNES, 1914, p. 155-156). O significado da dívida, não abrange apenas uma questão econômica, levando em consideração apenas uma obrigação civil, como se considera também uma obrigação moral.

Segundo Graeber (2011), a dívida apresenta um princípio moral, antes de ser um conceito econômico, pois se trata de uma relação social, cuja relação de obrigação e troca de favores já é bastante antiga, pois já existia um sistema de crédito, antes mesmo do surgimento

da moeda, que demarcava relações econômicas de ordem moral. Para o autor supradito, as próprias relações humanas envolvem dívidas e a unidade que mede o que é devido pode ser arbitrária no decorrer do tempo, como metal, dinheiro, escravo. Foi assim durante algumas civilizações, até que com a instituição do dinheiro, a dívida passou a ser uma obrigação de pagar uma quantia em moeda com valor de mercado.

Para Hudson (2004), a dívida representou formas distintas de pagamento em cada tradição até que evolui ao dinheiro comercial; como nas sociedades arcaicas, a dívida era do tipo “*wergild*”, onde multas e impostos refletiam um status social para compensar uma vítima atribuindo penalidade a quem devia, sendo o pagamento feito através de gado, criados domésticos, alimentos, diretamente às famílias, assim eram gerados interesses e cobrança com a dívida que com o passar do tempo esse interesse foi incorporando a ideia de dívidas comerciais e agrárias, até que com os sumérios no terceiro milênio a.C o dinheiro passou a ser utilizado comercialmente para fins administrativos.

Alguns registros na Idade Antiga mostram a existência de um documento que reconhecia a dívida de um devedor, seria o “*cheirographon*”, uma expressão grega para uma declaração de dívida escrita que marcava a obrigação de credores com devedores (LLEWELYN,1992). De acordo com Yiftach-Firanko (2009), esse documento que registrava transações legais entre devedor e credor foi registrado pela primeira vez no século III a.C. E esse registro “seria para transações simples da vida, como crédito em dinheiro, compras de gado” (WOLFF, 1984 apud PAGANINI, 2011).

Além disso, segundo Innes (1913) em outros achados de 2000 a 3000 anos a.C. feitos na Babilônia em tábuas de argila, conhecidas como “shuhati tablets”, elas representavam o reconhecimento de endividamento, transferência de crédito de mão em mão, através de registros que indicavam o termo “*she*” que os arqueólogos acreditam ser um tipo de grão utilizado como pagamento da dívida. E nesses documentos eram registrados “a quantidade desses grãos, o nome da pessoa de quem recebeu, o nome da pessoa que recebeu, a data, a palavra “*shubati*” ou recebido e o selo do recebedor” (INNES, 1913, p. 396), o que para a autora confirma que a existência do crédito precede o dinheiro, sendo o principal meio de transações ao longo da história, sendo o dinheiro, nada mais que crédito, e este é correlativo da dívida.

Pressupõe-se que a concepção atual do direito de processar o pagamento de uma dívida é definido por crédito, por conta dos processos de cunhagem que levou a noção de

pagamento da dívida através de moeda, mas o crédito e a dívida têm mais relação com a obrigação entre credor e devedor do que com monetização da dívida, baseada nessa relação constante de criação de crédito-dívida, cancelando um ao outro (GARDINER, 2004).

Segundo Espinoza (2019), a própria discussão em torno da origem do dinheiro se divide concebendo-o como mercadoria-dinheiro e outra como mercadoria-dívida. Na primeira abordagem sobre mercadoria-dinheiro, o dinheiro é definido por uma função de troca e método de pagamento, podendo ser usado para adquirir produtos, pagar impostos ou liquidar dívidas, sendo uma ferramenta de troca no comércio; já, na abordagem que considera o dinheiro mercadoria-dívida, releva-se que há uma relação social onde uma das partes recebe (o devedor) e a outra dar o valor (o credor), sendo o dinheiro o reconhecimento de créditos e dívidas, onde o crédito é o mecanismo de troca mais do que a mercadoria e o dinheiro é um valor econômico medido como um dever, obrigação, compromisso social (ESPINOZA, 2019).

No que concerne a questão da dívida, segundo Ament (2020), a dívida não é dinheiro nem sinônimo de crédito, pois o crédito está em oposição à dívida; crédito é uma reivindicação, enquanto uma dívida é uma obrigação, corroborando com a ideia que o dinheiro é constituído por relações de crédito e dívida, que em vez de um meio que facilita a troca, deve ser pensado como uma relação social que incorpora a espaço-temporalidade da dívida e o poder inerente ao crédito, sendo o dinheiro uma reivindicação social de recursos, com uma unidade de conta decretada pelo Estado, ou seja, o dinheiro é uma relação social mediada pelo Estado.

Na concepção de Hudson (2004, p.99), o dinheiro é resultado de três tradições da dívida: dívidas primordiais relacionadas à existência social, dívidas de “*wergild*” para compensar danos e dívidas administrativas criadas pelos Estados. Consoante com Roberts e Soederberg (2014), na era atual do neoliberalismo a dívida apresenta algumas características, como a crescente intersecção entre as formas de dívida pública e privada, a dependência de Estados, empresas e trabalhadores ao crédito e ao alcance multiescalar e a natureza das relações de dívida

De acordo com Graeber (2014), a dívida é a essência da sociedade, conferindo poder ao Estado, este quem determina a unidade de conta, cobrança de impostos, multas, gerando uma obrigação individual transformada em um sistema coletivo de pagamento de uma dívida social. Desta maneira, o endividamento tem sua origem nos fundamentos

religiosos, expandindo-se pela noção de pertencimento social até ser incorporado pelo Estado. Assim as relações de crédito e dívida são relações sociais que apresentam desigualdades e como a unidade de conta é decretada pela mesma entidade que cobra dívidas, a natureza da relação é de poder em função dos seus pressupostos ontológicos da relação da dívida e do crédito que constitui a moeda nas relações sociais expressadas na unidade de conta, o dinheiro (AMENT, 2020).

2.2 O Endividamento

2.2.1 Endividamento: Indivíduo, Sociedade e Consumo

O entendimento da propensão ao endividamento, ultrapassa fatores econômicos, uma vez que envolve fatores comportamentais e sociodemográficos que também devem ser considerados. O endividamento está relacionado a sociedade de consumo e a liberdade das pessoas no mercado, independente da sua classe social, sendo um fenômeno individual com consequências sociais (MARQUES, 2010). Desta forma, a representação social do endividamento evoca diversos constructos para a sua formação conceitual, trazendo a existência de vários fatores emocionais corroborando com este fenômeno, de tal maneira que o fato de estar endividado é caracterizado pela autoavaliação negativa da dívida (ARAÚJO; PAULA; PEÑALOZA, 2017).

Bucher (2009) esclarece que a dívida nasce de um processo inconsciente em que um indivíduo frágil, com seus desejos não realizados, se depara com uma oferta comercial sedutora, e a partir daí o reconhecimento da dívida adquirida pode começar a gerar sentimento de culpa, mas para algumas pessoas, a simples pendência de um pagamento, não gera necessariamente um sentimento de desconforto com a situação de endividamento. O autor, supradito, aponta para duas realidades: pessoas que se endividam ativamente por serem pessoas que não têm controle das suas compras, e pessoas que podem adquirir dívidas ocasionadas pelos “perigos da vida”, como doença, divórcio e desemprego.

O estímulo ao consumo, a inserção do indivíduo no mercado e o acesso a crédito podem propiciar essa dívida. Segundo Parker, Haytko e Hermans (2009) a própria sociedade e o marketing beneficiam-se quando incentivam esse consumo. Esse estímulo ao consumo de produtos, serviços e até mesmo para que os indivíduos adquiram empréstimos acabam

motivando esses indivíduos para adquirir aquilo que é desejado e interferindo nas decisões de consumo mesmo que isso leve às dívidas (TOLOTTI, 2007). Afinal, para Bauman (1999), pertencemos a uma sociedade de consumo, na qual consumir é algo inerente ao indivíduo, pelo fato do consumidor sempre desejar ter o objeto do desejo, onde o consumo apenas se dar pelo poder aquisitivo, estratificando assim a sociedade; ou seja, o consumo pode gerar inclusão ou exclusão social.

E, a compreensão do consumo como parte do processo social da sociedade é complexa, apresentando significados ambíguos desde do entendimento científico ao senso comum, pois o próprio termo incorpora interpretações positivas ou negativas, sendo capaz de provocar identidades e subjetividades dos indivíduos, estando na esfera individual e coletiva (BARBOSA; CAMPBELL, 2006).

Desta maneira, “o consumo não reside na função de fornecer prazer, satisfazer o consumidor, mas sim reside na produção material, uma visão que não é individual e sim coletiva” (BAUDRILLARD, 2010, p.91). Assim, o consumo estrutura a sociedade e as relações sociais. Para Douglas e Isherwood (2006, p. 108), “a função do consumo é dar sentidos as relações, sendo um meio não verbal para os homens se criarem e recriarem, constituindo de significados suas relações e conseqüentemente o encadeamento de bens”.

De acordo com Trindade, Righi e Vieira (2012), o consumo tem por característica a associação do ato de comprar bens com a felicidade e o status social que ele produz no indivíduo, o que muitas vezes, é uma forma de aquisição de bens de consumos necessários. Esse acesso ao crédito que possibilita a aquisição de bens representa uma vivência social, por inserir o indivíduo num contexto onde o acesso a crédito garante acessibilidade, subjetivamente ligada ao bem-estar (FRADE; MAGALHÃES, 2006). Contudo, quando esse acesso a crédito passa a ser algo constante na vida de uma pessoa, de forma exagerada, comprometendo boa parte da renda, isso pode gerar o endividamento.

“Um pensador dos séculos XIX-XX, Charles Gide, advertia que o crédito pode se tornar muito perigoso para aquele que o utiliza, existindo um crédito ‘mais perigos ainda, aquele que tem finalidade de facilitar o consumo’. Dentre os perigos do crédito ao consumo, apontava o autor aquele consistente em estimular ao gasto as pessoas pouco prevenidas ou pouco experientes em matéria de cálculos relativos ao equilíbrio do orçamento familiar ou aquele consistente no aumento dos preços

das mercadorias, tendo em vista a necessidade dos comerciantes de compensarem os riscos do não-pagamento por meio de um seguro revestido de majoração de preços, “assim, todos os consumidores sofrerão, inclusive aqueles que pagam pontualmente, mas que deverão pagar pelos maus pagadores.” (COSTA, 2006, p. 230)

O aumento expressivo do endividamento em vários países é um dos importantes fenômenos das últimas décadas que desperta interesse na compreensão dos fatores macroeconômicos e implicações da dívida do consumidor, principalmente no que diz respeito ao financiamento do consumo das famílias, dada a piora relativa contemporânea na renda da população em várias economias capitalistas (PARIBONI, 2016). De acordo com Santos, Frade e Oliveira (2013) essa expansão do consumo com conseqüente endividamento é um fenômeno pertencente às economias capitalistas, incluindo o crescimento do setor financeiro, além de serem consideradas as decisões de consumo e de crédito, incluem múltiplos fatores como os comportamentos econômicos.

Ademais, para Dwyer (2018), nas sociedades capitalistas, a relevância do crédito e da dívida leva a uma democratização e expansão do acesso ao crédito, ao mesmo tempo que aumenta o endividamento, levando às estruturas de desigualdades, justamente por expor aqueles sem recursos às obrigações aos detentores do capital, mesmo que esse acesso a crédito esteja focado na distribuição de recursos sociais essenciais, pois a capacidade de oferta de crédito é desigual e diferenciada. O próprio acesso ao crédito está diretamente relacionado com a capacidade que o indivíduo tem de pagar a dívida, no cumprimento de suas obrigações. Ao mesmo tempo que o crédito pode ser uma forma de inclusão do indivíduo na sociedade de consumo, pode ser também um fator de exclusão, quando nega a possibilidade de consumo àqueles que não dão garantias. Assim, como o endividamento também pode ser uma forma de inclusão quando os indivíduos adquirem dívidas para obterem bens de consumo, por vezes essenciais, mas também gera exclusão, quando esse endividamento compromete a renda, a impossibilidade de pagamento dessas dívidas exclui esse indivíduo ao acesso a mais crédito.

2.2.2 Endividamento no campo das ciências sociais

No diálogo interdisciplinar, é perceptível compreender o endividamento como um fenômeno social de interesse de várias ciências, tais como: Direito, Psicologia, Sociologia, Antropologia e Administração. Porém, as principais óticas que versam sobre o endividamento são apresentadas com um viés individualizante, pautadas no sujeito-indivíduo, tratando-o como resultado de uma incapacidade do indivíduo de gerir suas finanças ou como uma psicopatologia pessoal, exclui-se assim o contexto social, o consumo na sociedade e seus hábitos, a oferta de crédito, o indivíduo inserido no sistema capitalista, o incentivo a obtenção de crédito pela mídia, as questões salariais, a inclusão de vulneráveis - pessoas de baixa renda, idosos, aposentados - nas ofertas das instituições financeiras (HENNIGEN, 2016).

Apesar da dívida ser um fenômeno antigo constante nas próprias relações sociais, estudos sobre o endividamento, como o de Lea et al. (1993), mostrou que esse fenômeno tem relação com variáveis econômicas, sociais e psicológicas, apesar das pesquisas até então, sempre tivessem mais voltadas para estudo do crédito do que com a dívida, prevalecendo na literatura muito mais o contexto econômico ligado ao crédito do que o psicológico e social. Nesse campo, o endividamento pode ser estudado a partir de uma visão multidisciplinar. Pra Petit (2011) essa multidisciplinaridade entre a economia, a psicologia e as outras ciências sociais podem contribuir com estudos de fenômenos no campo na Psicologia Social, principalmente referentes a economia experimental, economia comportamental e Neuroeconomia.

De acordo com Quintanilla (2002) o comportamento social relacionado as decisões econômicas e o comportamento do consumidor estiveram por algum tempo longe dos estudos da Psicologia, até o desenvolvimento da Psicologia Social sustentando a importância da psicologia como ciência para compreensão de questões macroeconômicas, assim como já se faz no campo da Psicologia de Recursos Humanos e Psicologia do Consumidor envolvendo a microeconomia nos estudos no campo da Administração. No que tange ao fenômeno do endividamento, as subjetividades, fatores comportamentais e sociais são relevantes para o entendimento desse campo.

Nessa perspectiva, a Psicologia Social tem como objeto de interesse o comportamento social e a centralidade do indivíduo nos fenômenos estudados e, nesse

campo, a economia e a psicologia se interessam pela compreensão das tomadas de decisão individual e coletivas, comunicação, motivação, altruísmo, status social, discriminação, persuasão ou justiça social (PETIT, 2011).

E nesse encontro dos objetos de estudo da Economia com a Psicologia temos a Psicologia Econômica, advinda da Psicologia Social, que estuda o comportamento econômico dos indivíduos e grupos, tendo como principais áreas de abordagem a Economia Comportamental, Socioeconomia, Psicologia do Consumidor, Neuroeconomia e Finanças Comportamentais (FERREIRA, 2007). Para Reynaud (1967), a Psicologia Econômica seria voltada para a compreensão dos fenômenos humanos, compreendendo a psicologia do indivíduo, nos seus apertos subjetivos e motivacionais, através das atividades econômicas, seria então:

“o estudo da economia abordada em seu aspecto ‘subjetivo’ ou ‘mental’ [...] trata das questões subjetivas colocadas pela disposição das riquezas, utilizando os conceitos e métodos da Psicologia e da Economia, dos quais ela realiza a síntese e se necessário, provoca a superação pela descoberta de noções e métodos originais.” (REYNAUD, 1967, p. 9-10)

Segundo Barracho (2001), o termo Psicologia Econômica é abordado pela primeira vez pelo jurista e sociólogo francês Gabriel Tarde em 1881, e posteriormente em 1902 com a publicação “*Psychologie Économique*” que trazia os fenômenos econômicos sob a ótica da subjetividade. De acordo com Hofmann e Pelaez (2011) na Psicologia Econômica os métodos e abordagens são capazes de compreender o comportamento econômico em sua complexidade. E durante todo o seu desenvolvimento foram utilizados modelos para explicar o comportamento econômico, sendo o endividamento dos indivíduos um objeto de interesse da Psicologia Econômica ligado ao comportamento e tomada de decisão. Os métodos científicos utilizados na Psicologia Econômica para essa compreensão são os métodos observacionais, como a observação clínica com a entrevista não-diretiva (aberta) ou entrevista em profundidade com o uso da análise de conteúdo e a observação "armada", com os questionários como instrumento; e os métodos experimentais (ALBOU, 1984).

De acordo com Barracho (2001, p. 27) “as primeiras aproximações ao estudo do comportamento econômico foram feitas por filósofos, preocupados mais em compreender e explicar a natureza humana, que o modo como funcionava o comércio, o mercado e a produção”. Tentar uma compreensão mais abrangente dos mecanismos que colaboram com o endividamento dos indivíduos na contemporaneidade relacionados ao acesso a crédito por meios de empréstimos, cartão de crédito, cheque especial e as decisões econômicas dos indivíduos perante esses meios, por exemplo. Para Ferreira (2008), ao considerar as decisões econômicas de cada indivíduo é preciso considerar a premissa das influências do componente emocional, da percepção diferenciada individual, as limitações cognitivas e emocionais, afinal os fatores ligados aos aspectos mentais são relevantes visto que a racionalidade é limitada, e quando se refere ao endividamento, os componentes psicológicos, comportamentais e sociais precisam ser levados em conta. Afinal, “quanto mais você souber sobre as operações mentais que embasam suas decisões, mais poderá apropriar-se delas, ponderar sobre o que é mais favorável para você e o que pode prejudicá-lo (a)” (FERREIRA, 2011, p. 22).

Logo, segundo Potrich et al. (2016), um dos aspectos que influenciam o endividamento são os aspectos comportamentais, além de outros fatores que são determinantes também, como os fatores demográficos e socioeconômicos. Considerando esses aspectos sobre as decisões e o comportamento econômico dos indivíduos, a Psicologia Econômica investiga como se dar a tomada de decisões econômicas dos indivíduos, desde uma perspectiva macro como renda, desemprego, dentre outros, como também, de um ponto de vista micro, quando estão relacionados com comportamento de consumo, compras, pagamentos (FERREIRA, 2010).

PARTE II- ENVIDAMENTO: INDIVÍDUO E SAÚDE

2.3. O indivíduo endividado e os aspectos da saúde mental

Uma das principais questões que devem ser levantadas quanto ao endividamento pessoal, é a noção do “ser” que está no cerne dessa relação social, seja ele credor, devedor, consumidor, inserido na vida social. Nessa conjuntura, em termos de relações com o endividamento, os elementos psicológicos parecem ser importantes, no contexto de hábitos e consumos, podendo comprometer a saúde psíquica e física em pessoas endividadas, pois

envolve as emoções, como ansiedade, e a sentimentos, como tristeza, frustração, impotência. A medicina comportamental mostra uma relação entre a saúde mental e física, considerando os caminhos fisiológicos e comportamentais dependentes dentro de um modelo abrangente de saúde, e daí a importância de se compreender os determinantes do comportamento de saúde que estão diretamente ligados a saúde mental (WHO, 2001).

Conforme com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. De acordo com relatório sobre o impacto das crises econômicas na saúde da OMS (2011), os problemas financeiros estão entre os fatores de risco socioeconômicos para problemas de saúde mental, desta maneira as altas dívidas juntamente com a pobreza e a educação precária estão como fatores de riscos para determinantes da saúde mental da população, tendo de contraponto como fatores de proteção, o capital social e a proteção do bem estar.

Pensar na saúde mental, é entendê-la como parte integrante da saúde, muito mais que a simples ausência de transtornos mentais, pois a saúde mental é determinada por uma série de fatores socioeconômicos, biológicos e ambientais, sendo um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, lida com tensões normais da vida, pode trabalhar e é capaz de dar uma contribuição para sua comunidade (OMS, 2018), podendo assim ser afetada pela violência, as mudanças sociais, as pressões socioeconômicas, a exclusão social, problemas de saúde, e para a promoção em saúde mental é necessário a criação de um ambiente que respeite e proteja direitos civis, políticos, socioeconômicos e culturais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica os determinantes sociais da saúde como condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem, trabalham e envelhecem, incluindo o sistema de saúde e para Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS, 2006) considera os fatores sociais, econômicos, culturais e éticos, de gênero, psicológico e comportamentais que influenciam a ocorrências de problemas de saúde e fatores de risco na população. Nesse sentido, segundo Alves e Rodrigues (2010), os determinantes sociais e econômicos que se relacionam com a saúde mental são o emprego, educação, pobreza, habitação, urbanização, discriminação sexual e violência de gênero, experiências precoces, exclusão e estigma, cultura e acontecimentos da vida estressante.

Principalmente no campo da saúde é importante salientar que as condições de vida fazem parte dessa construção do campo. Segundo Barros (2002) o modelo biomédico, até então dominante, tem apresentado muitas restrições na compreensão por ter uma ótica voltada apenas para o entendimento clínico e biológico. O modelo biopsicossocial em contraposição traz a percepção do entendimento da saúde como parte de uma hierarquia de sistemas organizacionais naturais com a participação da mente e corpo, considerando que o ser humano é um organismo biológico, psicológico e social e saúde e doença são estados em equilíbrio dinâmico dessas variáveis (BELLOCH; OLABARRIA, 1993). Além disso na compreensão do modelo de saúde-doença, a situação de saúde de uma população está relacionada ao momento histórico, ao seu modo de vida e este apresenta relação com a reprodução social no que a saúde pública se refere ao processo biológico, ecológicos, formas de consciência e conduta e econômicos do homem (CASTELLANOS, 1997).

Para a WHO (2017), os transtornos mentais comuns têm se tornado cada vez mais altamente prevalentes na população, transtornos depressivos e transtornos de ansiedade atingiam respectivamente 4,4% e 3,6% da população mundial em 2015, principalmente em países de baixa renda. Segundo a Organização supradita, os transtornos depressivos são caracterizados por tristeza, perda de interesse ou prazer, sentimento de culpa, baixa autoestima, perda de sono ou apetite, sensação de cansaço e falta de concentração; já transtornos de ansiedade são caracterizados por sentimentos de ansiedade e medo, incluindo transtorno de ansiedade generalizada (GAD), transtorno do pânico, fobias, transtorno de ansiedade social, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e transtorno de estresse pós-traumático (PTSD).

Segundo a OMS (2019), a saúde mental ainda é um campo negligenciado do sistema global, pois pessoas com problemas de saúde mental experimentam violações generalizadas dos direitos humanos, discriminação e estigma. Portanto, faz parte da cobertura universal da saúde que as pessoas tenham acesso serviços de saúde de qualidade, sem expô-los às dificuldades financeiras pagando por eles, inclusive diante dos problemas advindos do endividamento, a WHO aponta que a criação de legislação e programas de alívio da dívida ajudarão a reduzir os efeitos da crise econômica na saúde mental do indivíduos e também melhorar a saúde mental, afinal as evidências indicam que a dívida, dificuldades financeiras e problemas de pagamento de moradia levam à problemas de saúde mental (WHO, 2018).

2.4 A relação entre endividamento e saúde na literatura

Possuir dívidas é algo que parece estar diretamente relacionado à problemas de saúde devido ao fardo que essas representam para o indivíduo endividado, provocando situações de estresse, preocupação, ansiedade para que possam quitar os pagamentos. Conforme Richardson et al. (2013), pessoas com dívidas têm 2,5 a 8,5 maiores chances de desenvolverem problemas de saúde mental e quase 8 vezes mais de risco de cometer suicídio. Desta maneira, alguns estudos já começam a querer compreender a relação entre endividamento e o processo saúde-doença do indivíduo, com relação aos impactos na saúde mental.

Em especial, achados como o de Drenta e Reynolds (2012) revelam o impacto do endividamento sobre a depressão, ansiedade e raiva, baseados na grande problemática entre status econômicos e saúde mental nos Estados Unidos, onde mostram que a dívida prevê de forma mais consistente a saúde mental do que qualquer outro indicador padrão e que há uma falha em não incluir a dívida nesse *status*, pois ela está diretamente associada ao nível em saúde mental, e que deve ser incluída no futuro em estudos ao lado dos indicadores tradicionais.

Segundo Fitch e Davey (2010), um a cada dois adultos endividados possuem problemas de saúde mental na Inglaterra; e uma em cada quatro pessoas que apresentam problemas de saúde mental, também possuem dívidas. Desta forma, o endividamento parece ter uma relação intrínseca com a saúde, afetando a integridade mental dos sujeitos, sendo o propulsor ou a consequência. Indivíduos com problemas de saúde mental na Grã-Bretanha tem quase 3 vezes mais chances possuir dívida em comparação com indivíduos sem similar condições (ONS, 2002) e de acordo com a ONS, entre 2012 e 2014, quase metade das famílias em da Grã-Bretanha tinha dívidas ou passivos financeiros fora de seus reembolsos de hipotecas (ONS, 2016).

O aumento da dívida do consumidor é um fenômeno crescente em alguns países como os Estados Unidos e países da América Latina. De acordo com Hennigen (2016), o endividamento diz respeito a um fenômeno crescente e que representa um problema social que precisa ser problematizado em diferentes campos do conhecimento para uma melhor compreensão. Em outras áreas de pesquisa o endividamento é estudado em outros contextos, e quando se trata da relação entre saúde mental e endividamento é pouco estudada. Afinal,

o endividamento tem contribuído com efeito negativos na saúde mental desses indivíduos. Comprova-se no estudo de Hojman, Miranda e Ruiz-Tagle, (2016) que os sintomas depressivos são mais altos para aqueles superendividados, seguidos por aqueles que transitam de moderados a altos níveis de endividamento, sugerindo assim a contribuição relacionada à dívida nos sintomas depressivos e que estes desaparecem à medida que os níveis de endividamento caem.

De acordo com Sweet (2018), a questão do endividamento é estudado no contexto do neoliberalismo como importante determinante social contemporâneo, no que se refere ao consumidor, e que a dívida financeira está associada a uma saúde significativamente pior, incluindo depressão, adiposidade, sintomas físicos e emocionais autorrelatados, além de depressão, ansiedade e estresse percebido; e, Hamilton et al. (2019) mostraram que o estresse em torno da dívida é um fator importante na associação entre dívida e saúde, apontando que é necessária investigações para compreender melhor a natureza do estresse da dívida e o seu impacto na saúde.

No estudo de Hamilton et al (2019), foi investigado a associação do estresse da dívida com o sofrimento psíquico e a saúde de 8045 adultos de 18 anos ou mais em Ontario, Canadá, e os resultados mostraram que grande proporção da amostra relatou estresse relacionado à dívida, significativamente associado ao sofrimento psicológico; principalmente em adultos com maiores dívidas, estes relataram um maior estresse e sofrimento psicológico de moderado a grave em comparação com aqueles com níveis mais baixos de dívida. No estudo dos autores supraditos, os riscos relativos de estresse da dívida foram maiores entre os mulheres do que em homens; maior entre aqueles com alguma faculdade / universidade do que aqueles com menos escolaridade; menor entre aqueles com maior renda familiar; maior entre aqueles que foram separados/divorciados do que entre os casados; menor entre os aposentados do que os trabalhadores em tempo integral; menor entre os idosos de 50 anos ou mais do que aqueles com idades entre 40 e 49 anos.

Para Trindade, Righi e Vieira (2012), o consumo tem por característica a associação do ato de comprar bens com a felicidade e o status social que ele produz no indivíduo, o que muitas vezes, é uma forma de aquisição de bens de consumos necessários. Contudo, quando isso passa a ser algo constante na vida de uma pessoa, de forma exagerada, comprometendo boa parte da renda, isso pode gerar o endividamento. Conseqüentemente, esse ciclo de endividamento acaba por despertar em muitas pessoas baixa-autoestima,

sensação de fracasso e vergonha por ser alguém que têm dívidas, acabando por acarretar um sofrimento que pode levar a problemas emocionais, psíquicos.

O desconforto da dívida que pode gerar problemas clínicos, acaba conciliando motivos objetivos e subjetivos que estão entrelaçados. Para Gardaz (1997 apud BUCHER, 2009), o endividamento acaba combinando uma perspectiva individual e uma perspectiva social quando o indivíduo tem os incentivos dos bancos, acesso a crédito, pagamento deferidos. Nesse contexto percebemos que a saúde psíquica de um indivíduo passa a ser entendida como um processo de produção de subjetividade.

Na pesquisa, realizada na Suécia, por Dackehag et al. (2019), com 5583 entrevistas realizado em 2006 e 5629 entrevistas em 2007, com indivíduos com dificuldade de pagamento e dívidas familiares. Estes fatores foram detectados pelos autores como as causas relacionadas aos maiores problemas de saúde mental, como a ansiedade ou a angústia, apesar de encontrar uma associação muito mais fraca entre dificuldades de pagamento e consumo futuro de psicofarmacêuticos, como ansiolíticos, hipnótico e antidepressivos; o estudo mostrou que indivíduos com consumo anterior de psicofármaco relataram no futuro dificuldades de pagamento.

Para Fitch et al. (2007), existe uma relação entre saúde mental e status socioeconômico que geralmente afeta alguns grupos mais do que outros, à medida que o acesso a crédito se torna crescente no Reino Unido e em outros lugares, a dívida passa por estágios onde o indivíduo progride da dívida gerenciável à grandes dificuldades financeiras, e quando apresentam a saúde mental comprometida por conta desse endividamento, este fato acaba sendo um desafio para o atendimento em saúde, principalmente relacionado às atividades preventivas.

No estudo de Gunasinghe et al. (2018) no Reino Unido, com 1698 adultos de faixa etária de 16 anos ou mais, mostrou que a dívida está fortemente relacionada a transtornos mentais comuns (TMC), pois as dificuldades financeiras podem piorar e prolongar agravos de saúde mental, no estudo, por exemplo, aqueles que reportaram dívidas tiveram três vezes mais chances de atender aos critérios de TMC do aqueles que não possuíam dívidas, além disso, não se conhece o impacto que esse fato tem sobre o uso de serviços de saúde mental. Os transtornos mentais comuns (TMC) são considerados um problema de saúde pública mundial e refere-se a um conceito criado para designar um conjunto de sintomas não psicóticos que refletem que o indivíduo está em sofrimento mental

e baixa qualidade de vida de vido a quadros subclínicos de ansiedade, depressão e estresse (MURCHO; PACHECO; JESUS, 2016).

Segundo a OMS (2002), uma em cada quatro indivíduos terá algum problema de saúde mental durante a vida, somando o fato de que problemas mentais e comportamentais também são determinados pelo nível socioeconômico do indivíduo, existe uma carência geral de serviços de saúde mental, pois mais de 40% dos países têm falta de políticas de saúde mental e mais de 30% não têm programas nessa esfera os problemas de saúde mental. Segundo Jenkins et. al (2008), o fato de pessoas com transtorno mental estar em dívida tem implicações diretas para eficazes avaliações clínicas e planejamento de cuidados, bem como conscientização em agências de aconselhamento de dívidas, empresas de serviços públicos e organizações financeiras.

Um estudo longitudinal sobre uma estratégia governamental feita pelo Governo e Ministério da Justiça em Londres junto a pessoas endividadas, mostrou que as ações de aconselhamento propostas pelo plano de ação, permitiu aos participantes efeitos positivos na administração de suas dívidas, na prevenção de contrair novas dívidas, e muitos relataram que ficou mais fácil viver e tiveram melhoras na sua saúde e bem-estar (WILLIAMS; SAMSON, 2007).

Estudos realizados no Brasil mostram que a prevalência de transtornos mentais na população adulta variam de 20 a 56% e muitos deles são a ansiedade, alterações de humor, dentre outros (SANTOS; SIQUEIRA, 2010). Considerando que as consequências do endividamento para a saúde mental variam de tipo, ou mesmo que diferentes populações são mais ou menos suscetíveis (DRENTA; REYNOLDS, 2012). Desse modo, é perceptível a falta de estudos realizados no contexto brasileiro, que muitas vezes se atêm a investigar o endividamento relacionado apenas à renda e educação financeira. Sendo assim, relevante compreender como o fenômeno do endividamento pode estar relacionado com a prevalência desses transtornos mentais na população brasileira.

Cavalcante e Minayo (2012) comprovaram que em relação à mortalidade de idosos brasileiros por suicídio, as dívidas pessoais ou de familiares aparecem como sexto fator causal, 6,3% em homens e 4,5% em mulheres, comprovando que a dificuldade de pagar dívidas está associada a complicações físicas e mentais. Mas, ainda é possível dizer que ainda existe uma carência de estudos que tentem compreender a relação entre o endividamento e saúde mental, suas causas e consequências. Logo, podemos inferir que a

relação entre saúde e doença é bastante complexa, principalmente quando se trata de saúde mental.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO

3.1 Tipo e natureza do estudo

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que para responder o problema de pesquisa, busca a compreensão de fenômenos humanos incorporados nas experiências subjetivas dos indivíduos, envolvendo aspectos psicológicos e sociais da problemática, buscando nos dados qualitativos “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano (CRESWELL, 2010, p.43). Quanto aos objetivos da pesquisa, convém destacar o seu caráter descritivo-exploratório, pois explicita a problemática tentando esclarecê-la, ao mesmo tempo que descreve determinados fenômenos ou características de determinadas populações (GIL, 2008), no caso deste estudo, tentar compreender a relação entre endividamento e aspectos da saúde mental dos indivíduos. Como procedimento técnico, será utilizada a pesquisa de campo, sendo uma investigação empírica dos fenômenos como proposto por Vergara (2006).

3.2 Contexto e período do estudo

No caso em estudo, a coleta de dados realizou-se no período de março de 2021. As entrevistas foram realizadas com o consentimento do participante através de plataformas *online*, como o *Google Meets* ou *Zoom*, devido ao momento de isolamento social que se vive, no contexto da pandemia do COVID-19, para não colocar em risco a saúde da pesquisadora e dos participantes

3.3 Sujeitos/participantes do estudo

A seleção dos sujeitos foi não-probabilística por amostragem intencional, quando a amostra é determinada pelo pesquisador através de observações que atendam ao objeto de estudo e a critérios a serem escolhidos na população (OLIVEIRA, 2001). Além disso, foram adotados critérios de saturação teórica, quando há recorrência dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes, por meio do processo contínuo da análise de dados durante a coleta (FONTANELLA, 2011).

No caso deste estudo, os critérios de inclusão dos sujeitos participantes da pesquisa foi indivíduos que possuem dívidas, considerando-se endividados e que considerem que o endividamento tem impacto na sua saúde. E, como critérios de exclusão, aqueles que não atenderam os critérios de inclusão. Totalizando, assim, 10 sujeitos para o estudo. Abaixo apresenta-se um quadro com o perfil dos sujeitos participantes.

Tabela 1- Identificação do perfil dos entrevistados

Código	Sexo	Idade (anos)	Profissão	Endividamento
S1	Feminino	28	Empreendedora autônoma	Dívida com a faculdade
S2	Feminino	36	Empreendedora autônoma	Dívidas com cartão de crédito
S3	Masculino	26	Estudante	Dívidas com cartão de crédito
S4	Feminino	37	Empreendedora autônoma	Dívidas com cartão de crédito e feita por terceiros
S5	Feminino	19	Atendente	Dívidas com terceiros
S6	Feminino	52	Cabelereira	Dívidas com empréstimos em bancos
S7	Feminino	29	Professora	Dívidas com financiamentos
S8	Feminino	27	Estudante	Dívidas com cartão de crédito e feita por terceiros
S9	Masculino	26	Servidor Público	Dívidas com empréstimos consignados e financiamento
S10	Masculino	27	Professor	Dívidas feitas por terceiros

Fonte: elaborado pela autora.

Houve um convite prévio aos participantes e aqueles que desejaram participar da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B). Os participantes tiveram a sua identidade preservada e poderiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento durante o transcorrer do estudo.

Os riscos envolvidos na pesquisa foram mínimos e estavam relacionados a algum tipo de constrangimento no decorrer da entrevista, podendo o participante desistir a qualquer momento, recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

3.4 Técnicas e instrumentos de coletas de dados

Como estratégia para o alcance dos objetivos aqui propostos, as técnicas elegidas para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade (APÊNDICE A), buscando nas falas dos sujeitos uma melhor compreensão das condicionantes da saúde mental no contexto da

dívida, pois a entrevista “recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p. 62). Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas para a análise.

Os instrumentos utilizados para coleta foram compostos por um diário de campo para anotações durante as entrevistas e de um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A).

3.5 Análise e interpretação dos dados

A análise dos dados qualitativos seguiu uma metodologia interpretativa, visto que toda compreensão qualitativa requer aprofundamento, por meio da técnica de análise temática de conteúdo que para Minayo (2004, p. 209), “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”. A análise temática de conteúdo, proposta por Minayo (2004) consiste em algumas etapas: pré-análise, com a sistematização e a organização do material coletado; exploração do material por através de leituras, que através de um recorte do texto, escolhem-se regras de contagem, classificando os dados, organizando-os em categorias teóricas ou empíricas; e, por último, o tratamento dos resultados, onde trabalham-se os dados brutos, os quais serão interpretados. Sendo assim, o pesquisador é ativo na observação, inferência, articulação e compreensão do campo com os outros atores em intersubjetividade (MINAYO, 2012).

3.6 Aspectos éticos da pesquisa

Para contemplar os requisitos éticos da pesquisa conforme a Resolução 466/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), o projeto deste estudo intitulado “Endividamento: quando a dívida compromete a saúde mental” foi submetido à Plataforma Brasil, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) com o parecer de número 4.584.527 e com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE 43032521.1.0000.5534 (ANEXO A). Todas as informações

éticas estão descritas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) que foi assinado por todos os sujeitos que participaram do estudo.

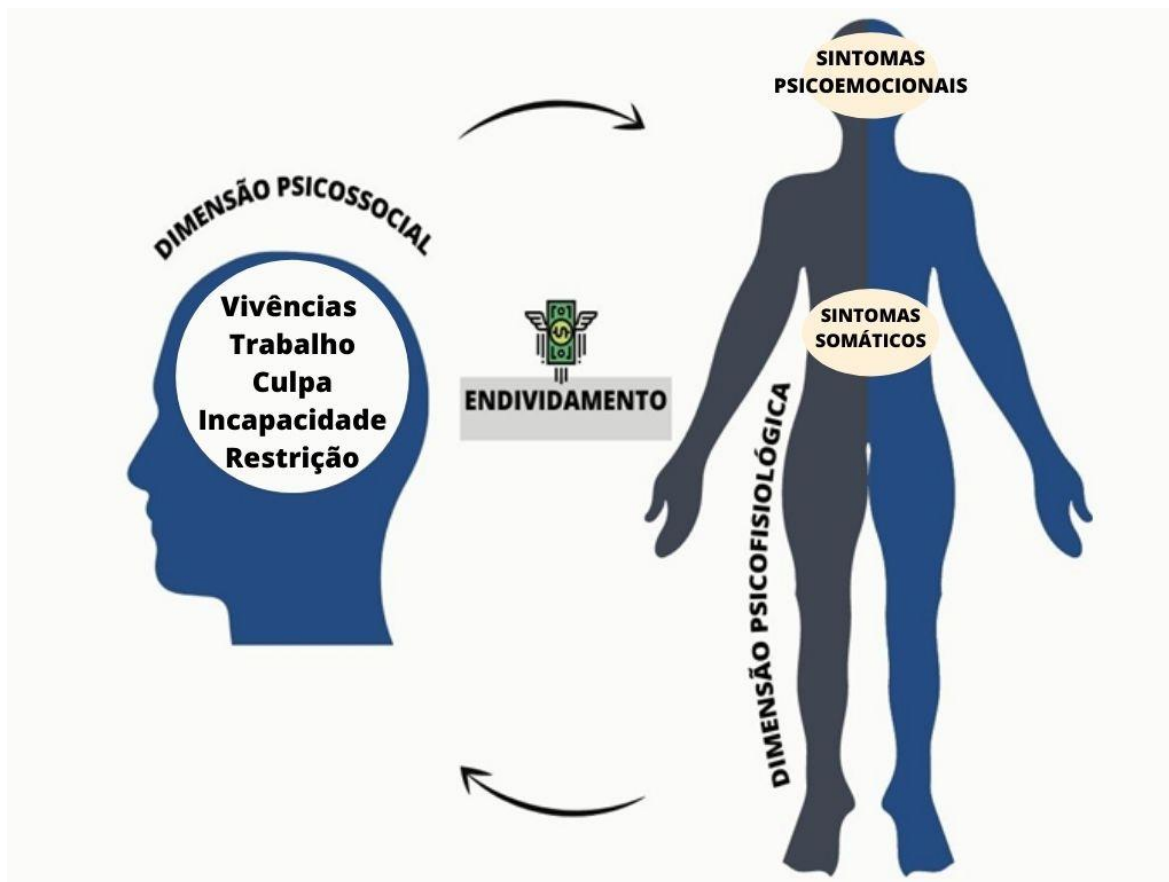
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas a análise e a discussão dos resultados das 10 entrevistas realizadas na pesquisa de campo com indivíduos que possuem dívidas e que considerem que o endividamento impacta na sua saúde. A seleção dos sujeitos foi não probabilística, selecionando-se sujeitos que se dispuseram a serem entrevistados. Apresenta-se no capítulo a descrição dos perfis dos sujeitos entrevistados, como a profissão, tipos de dívidas que possuem. Ademais, é exposto a análise das entrevistas, a categorização temática e a discussão dos resultados.

O perfil dos indivíduos aponta que dos entrevistados, 7 mulheres e 3 homens, na faixa etária entre 19 e 52 anos. Dos sujeitos convidados para a pesquisa, as mulheres apresentaram maior disponibilidade a participarem da pesquisa e falarem a respeito do endividamento. Sobre o perfil profissional dos indivíduos, três deles são autônomos, dois estudantes, dois professores, uma atendente, uma cabeleira e um servidor público. Quanto ao tipo de dívidas, apresentou-se o endividamento por meio de cartão de crédito, apontado como a dívida mais recorrente, além disso, financiamentos, empréstimos consignados, dívidas com terceiros, ou seja, empréstimos feitos com pessoas físicas e, também, dívidas feitas por terceiros que foram assumidas ou trouxeram consequências para esses indivíduos, mesmo que não tenham sido eles que fizeram a dívida diretamente.

As temáticas apresentadas no presente capítulo são construções realizadas através das considerações analíticas e interpretativas a partir de depoimentos dos sujeitos, sobre a relação entre endividamento e saúde mental, resultando em categorias analíticas. Os temas relacionados ao endividamento e saúde mental que foram apresentados nas narrativas dos indivíduos foram: as vivências, o trabalho, a culpa, a incapacidade, as restrições, os sintomas psicoemocionais, como o estresse, a ansiedade, preocupação e os sintomas somáticos. Assim, dentro desta relação, surgiram como campos de categorização duas dimensões principais: **a dimensão psicossocial** e **a dimensão psicofisiológica** (figura 1).

Figura 1 - Dimensões emergentes da análise de conteúdo sobre endividamento e saúde mental



Fonte: elaborado pela autora.

4.1 Endividamento e Saúde Mental: a dimensão psicossocial

Em relação a categorização da **dimensão psicossocial** foram identificadas quatro subcategorias emergentes ligadas aos aspectos mentais dos indivíduos em relação às dívidas: **vivências, trabalho, culpa, incapacidade e restrição** (figura 2). A dimensão psicossocial foi compreendida como os aspectos que relacionam o indivíduo, a sua vida social e os aspectos da sua saúde mental. Para LIPOWSKI (1969) o campo psicossocial abrange os aspectos sociais relacionados ao adoecimento e o resultado das reações psicológicas, incluindo três componentes que seriam o intrapsíquico, o comportamental e o social, por considerar que o indivíduo é mais que um ser apenas biológico; ele é também campo de atividades simbólicas de pensamento, sentimentos e linguagem, interagindo com um grupo social do qual ele pertence, que vai influenciar em como esse indivíduo responde psicologicamente.

Figura 2 - Temas emergentes da categorização da dimensão psicossocial sobre endividamento e saúde mental



Fonte: elaborado pela autora.

Na subcategoria **vivências**, nota-se nos relatos dos entrevistados a percepção negativa que a dívida tem, devido às experiências já vivenciadas, principalmente no âmbito familiar, que trouxeram algum sofrimento, medo e insegurança explanados nas narrativas dos sujeitos. O fato de terem vivenciado momentos assim, fizeram com que o processo de endividamento causasse sentimentos negativos e afetasse a forma como reagem perante às dívidas que possuem no decorrer da vida.

Os indivíduos S1, S8 e S10 relatam que desde a infância tinham muito medo da dívida e tudo aquilo que podia representá-la, como o cartão de crédito e empréstimos. A experiência vivenciada com o endividamento de outros membros da família, além de provocar memórias negativas, fez com que estes sujeitos, quando experienciando a dívida contraída por eles próprios, tivessem um sentimento de medo, preocupação e mal-estar.

Eu sempre fui uma pessoa que tive muito medo, principalmente da criação dos meus pais, de ter medo de dívida no cartão de crédito... Eu ouvi falar que era um fantasma, um monstro, no caso a minha mãe me passava mais essa ideia, meu pai nem tanto e minha mãe sempre foi uma pessoa de pagar tudo à vista [...] meu pai fez muita dessas dívidas assim e teve um momento que a gente recebeu um oficial de justiça dizendo que precisaria levar o carro, então eu tive esses dois tipos de pessoa, uma que pagava as coisas direitinho e outra que extrapolava. E desde pequena eu tive a ideia de que a dívida não é boa, e até o momento de início, eu me preocupei muito com a dívida. (S1)

[...] com 6 anos, mas eu sabia, então eu e meus irmãos quando a gente via alguma loja quebrando a gente fica muito mal, porque a gente se projeta naquela situação, então assim, meus pais até hoje são muito endividados [...] aí eu tenho uma repulsa muito grande por empréstimo, cheque especial que foi coisa que afundou os meus pais e no cartão de crédito não posso dizer que eu sou perfeito financeiramente falando de organização. Mas eu penso ao máximo, se eu puder pagar em dinheiro, eu pago. (S8)

Eu sou uma pessoa que não tem muitos gastos, até por conta do que aconteceu na minha vida, por conta das paradas que aconteceu, eu tenho muita dificuldade de comprar coisas a prazo, eu fui ter cartão de crédito esse ano... eu não tinha cartão de crédito até esse ano... porque eu tinha medo de cartão de crédito... a minha irmã quase afundou a minha família... porque eu cresci ouvindo dizendo ouvindo que é algo errado, eu não tinha cartão de crédito até os meus 24 anos, porque eu cresci com meu pai colocando na minha cabeça que o cartão de crédito é bicho papão. (S10)

Os indivíduos S7 e S8 também relataram que experiências vividas de endividamento familiar também influenciaram na forma como reagiram perante a dívida e, também, perante as suas decisões de compra e forma como consomem.

Eu tinha medo da dívida, então não comprava, porque imprevistos acontecem, já vivenciei isso na família. (S7)

[...] sim, teve meses que eu já passei muito apertado, e isso foi há alguns anos, foi logo quando eu tinha uns 18 anos, eu não tinha renda ainda na verdade eu tinha um cartão de crédito que foi que eu fiz cartão Universitário, aí depois de algum tempo a minha mãe perdeu o emprego e essas coisas e, acabou que realmente me endividei nesse cartão e fiquei mal, e eu tentava não comprar mais no cartão. (S9)

Além disso, percebe-se que a dívida afeta em um contexto mais amplo todos os membros de uma família; o impacto das vivências do endividamento sobre as emoções e as

relações não é algo vivenciado apenas pelo indivíduo que contraiu a dívida, como foi evidenciado na fala do sujeito S10. O endividamento vivenciado por pessoas próximas também pode afetar significativamente a parte psicológica dos indivíduos. S10 relata que foi muito difícil a experiência que o endividamento da irmã trouxe para todos os integrantes da sua família.

[...] olha foi muito difícil mas eu vou dizer... É como eu pudesse dizer que eu vi a alma do meu pai esvaindo... aí sabe meu pai começou a perder a vontade... meu pai criava passarinho, meu pai gostava de pescar, meu pai vendeu todos os passarinhos, não saía mais para pescar com os amigos dele, ele se isolou do mundo e de tudo de todos, ainda mais porque ela pediu dinheiro emprestado para os outros e ele tinha vergonha de ir na casa dos outros então fez com que ele tivesse muita vergonha e teve um reflexo muito grande em mim... porque eu vi o tanto que pode ser destrutivo... é um negócio que pode acabar com a sua vida muito facilmente, não só financeiramente, mas psicologicamente... é muito nossa coisa de Hollywood... você vê em Hollywood família se destruindo por causa de dívida, mas isso pode acontecer com você. (S10)

Por sua vez, a subcategoria **trabalho** é marcado pelas falas dos sujeitos como lugar de onde vem os recursos para que as dívidas sejam honradas. Afinal, o trabalho é algo inerente à condição humana: "O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana. A ação corresponde à condição humana" (ALBORNOZ: 1988, p.23).

Nas narrativas dos sujeitos destaca-se a remuneração proveniente do trabalho, constituindo-se como um lugar de insatisfação e muitas vezes incapaz de suprir todas as suas necessidades. Pois, este é um dos pontos que o trabalho é visto na contextualização do endividamento. Ou seja, o trabalho é um dos campos que garante aos indivíduos condições de suprir suas necessidades e cobrir seus gastos. Para MARX (1983, p.149) "o trabalho revela o modo como o homem lida com a natureza, o processo de produção pelo qual ele sustenta a sua vida e, assim, põe a nu o modo de formação de suas relações sociais e das ideias que fluem destas".

Como relatam as falas dos sujeitos S1, S2, S3, S4, S9, S10, o trabalho é o meio que garante o pagamento das suas dívidas e argumentam que muitas vezes o que ganham não é suficiente para suprir todas as suas necessidades. Para Lucena (2014) um dos motivos

do endividamento pode vir de uma falta de recursos vivenciados pelos indivíduos que possuem despesas maiores do que suas receitas.

[...]inclusive estou procurando empregos formais de carteira assinada para enviar currículo para eu conseguir ir pagando a dívida, aí eu já teria quitado. O que eu ganho não é fixo, a nossa loja não consegue se bancar totalmente, não é uma loja que dá prejuízo dos males o menor, mas não é algo que eu consigo viver disso... eu não estou satisfeito com o que eu ganho. (S1)

A minha remuneração eu queria mais, no momento eu não consigo pois como eu fico totalmente em casa, eu não consigo me dedicar completamente ao trabalho, e aí a minha renda é complementar ao do meu esposo. Tem mês que é muito bom, tem outros que não muito. Mas, quero chegar a um momento em que a minha pretensão de ganho seja realizada. (S2)

O que eu ganho não estou satisfeito, dá pra me manter, mas eu tenho a percepção que seja uma remuneração defasada tanto para mim quanto para a categoria, quanto para o nível de gastos que geralmente nós temos. É geralmente todo mês eu consigo honrar a fatura do cartão e sempre monitoro para deixar menor do que eu ganho, para não correr o risco de estourar o valor que ganho, porque não sobra de um mês para outra, nesse sentido de sobrar, sobrar para ficar em caixa, digamos assim, para ficar saldo. Acaba não sobrando, fica rente. (S3)

Não no caso eu tenho algumas pendências bem antigas que eu gostaria muito de poder arcar com todas elas, mas infelizmente não dá não, como eu comentei o que eu ganho dá, mas é bem apertadinho, dá para você sair do mês, mas não é aquela coisa de dizer que fiquei com dinheiro sobrando, não acontece isso, só dá para pagar aquelas continhas ali e pronto, essas pendências são cartões de crédito. (S4)

“Gosto de ambiente de trabalho e tipo muita coisa que eu sinto que não é condizente com o esforço que a gente faz, a parte da remuneração, o clima organizacional é bom, trabalho é bom, mas a gente não ganha bem é a palavra.” (S9)

“[...] e até agora estou na sala de aula... nessa área... é a minha única fonte de renda, olha eu vou falar assim, eu não preciso de muito não, muita gente reclama de quanto ganha um professor, realmente eu acredito que a gente ganha muito pouco por hora-aula, pouco mesmo...” (S10)

Logo, qualquer redução na remuneração ou falta de trabalho, por exemplo um desemprego, é apontado como um lugar que colabora para um desgaste físico e mental somado às dívidas. Principalmente, porque o trabalho se apresenta como uma das

possibilidades de ter uma outra renda, sendo visto como a alternativa na quitação das dívidas.

[...] eu fico às vezes, eu fico muito ansiosa, pensando em outras formas de ter uma renda a mais, pensando o que eu posso fazer, que eu poderia trabalhar mais, fico pensando as formas de ganhar mais. (S5)

A questão de eu ter começado a trabalhar muito para poder ajudar e eu precisava de uma renda para ajudar em casa e comprar as coisas. E tenho feito de tudo para conseguir quitar e eu acabei absorvendo tanto do trabalho, que eu acabei não consegui conciliar a casa com o trabalho e as outras coisas que entrei nesse limbo, eu não tinha hora para dormir, não dormia bem, não tinha lazer, era trabalho, trabalho, trabalho. (S2)

Se for pensar quem não tem dívidas... eu poderia ter um carro, por exemplo, mas hoje eu não tenho, porque eu trabalho menos, e eu tenho várias ideias que eu gostaria de fazer e não faço. (S6)

Eu tenho essa capacidade de pagar, eu tento não pensar, mas eu tenho a consciência de que, por exemplo, um desemprego me causaria muita preocupação e muita falta de paz digamos assim e não ter dinheiro para pagar nossas dívidas. (S7)

E aí, eu acho que foi aí que os meus pais se enganaram em termos de endividamento, eles têm uma bola de neve até hoje, e eu tento até consertar, mas eu não consigo consertar, porque mesmo no mercado de trabalho, eu não conseguiria pagar as dívidas dos meus pais. (S8)

Percebe-se outro ponto, também, que relaciona o trabalho somado à dívida, como um lugar de sofrimento psíquico, ratificado na narrativa do indivíduo S2. O indivíduo S2 não consegue identificar a causa direta das suas crises de ansiedade, se foi o fato de possuir dívidas ou o trabalho que precisou ser intensificado para que se conseguisse pagar as dívidas.

Pois como estou endividada eu... olha... eu acho assim que anteriormente eu tive uma crise de ansiedade, não sei se a questão do endividamento, da dívida pode ter sido um fator, mas o que ocasionou o fato, foi um trabalho em si, por que eu comecei a pegar encomenda e eu virava noites e noites e noites, por que eu tinha que trabalhar e coisas e tal, até para pagar a dívida. Então assim os dois foram o fator, eu acho que o trabalho foi o fator principal, eu tinha que trabalhar muito. Eu

acho que os dois foram juntos, a dívida não me desestabilizou, mas a rotina de trabalho era sem limites para pagar a dívida. (S2)

Outra subcategoria que se apresenta é a **culpa**. Percebe-se nas narrativas que o sentimento de culpa se faz presente na noção de endividamento. Isso gera nos indivíduos uma sensação inferioridade, frustração, mal-estar. Para Freud (1930) a culpa está relacionada a impossibilidade de adequação do indivíduo aos padrões que são impostos pela sociedade, gerando insatisfação e mal-estar por não estar adequado ao que lhe é proposto. O que corrobora com a ideia que o conceito de culpa está relacionado com a dívida (NIETZCHE, 2006), por apresentar componentes morais, punitivos.

A culpa nos relatos do S1 e S3 está relacionada à sensação de estar prejudicando alguém por estar devendo e não conseguir fazer os pagamentos, o que acaba gerando um sentimento de mal-estar.

[...] você sente diretamente que você está prejudicando a pessoa, porque é uma pessoa que você tem noção da vida, dos hábitos... porque a pessoa não faz alguma coisa porque não tinha o dinheiro que você devia, que você pegou pediu emprestado e ainda não pode devolver e a pessoa estava precisando. (S1)

Aí acabava me despertando isso, aí às vezes eu chegava conversar, vou explicar que estava difícil e tal que estava tentando ver alguma coisa, mas, que estava difícil que tinha que entrar algum dinheiro, às vezes eu tentava evitar falar, mas assim o receio sempre ficava. (S3)

Já para S7, a culpa aparece no contexto de sentir que poderia ter controlado melhor os gastos, ou então, ligado ao fato de às vezes esquecer de pagar alguma conta.

Para mim isso é dívida, eu me sinto endividada, é porque eu fico pensando que eu sou muito descontrolada que eu gasto demais e que tinha coisas que eu podia passar sem... eu compro, eu senti vontade... esquece de pagar ou não lembra e quando lembra dar vergonha de ter esquecido, de não pagar o que a gente combinou. (S5)

E, para S2 e S6 a culpabilização vem ligada ao fato de acreditarem que a vida estaria bem melhor sem as dívidas. O fato de ter algumas dificuldades por conta do endividamento, gera uma sensação de se autorresponsabilizarem, se auto culparem pela condição que vivem.

Mas, ter dívida é você ficar focado nelas o tempo todo [...] por que ter dívida é ruim demais, a gente se priva de tudo. Não consegue viver, você não consegue comprar o que você quer porque você tem dívida. (S2)

Se hoje eu não tivesse esse endividamento e não tivesse esses empréstimos na pandemia eu estaria me virando bem... entendeu..., mas na pandemia não dá. Porque eu sei que eu não tivesse essas contas, se eu não tivesse esse endividamento, eu sei que eu ia viver muito bem tranquila, por exemplo botar vários projetos que eu sonho que eu sei que vai dar certo. (S6)

Desta maneira, nas narrativas dos sujeitos, a culpabilização é percebida nas relações sociais que se constroem em torno de uma dívida. Afinal, o constructo culpa adquire muitos significados, mas segundo Haro (2014) o sentimento de culpa surge da consciência do sujeito na transgressão de normas ou valores, inclusive a culpa é algo que permeia muitos dos processos psicopatológicos, quando o indivíduo não consegue ter uma estratégia de enfrentamento perante esses conflitos.

Para Skinner as “contingências aversivas meramente acidentais geram inexplicáveis sentimentos de vergonha, culpa ou pecado; e, então, as pessoas tendem a procurar um terapeuta em busca de ajuda para fugir deles.” (Skinner, 1991, pp.107-8).

A **incapacidade** também se apresentou como uma subcategoria. A incapacidade de pagamento e honrar com os compromissos financeiros feitos em suas falas os indivíduos S2 e S4 relatam que se sentiam incapazes perante o endividamento, o que dificultava o enfrentamento, gerando sofrimento.

[...] É isso, eu me sentia assim quando eu sujei meu nome, eu me sentia muito incapaz, é como você nadar, nadar e morrer na praia... Assim eu me sentia, eu nadava, nadava e não via resultado, que queria arcar o mundo, uma solução rápida e eu não conseguia. Então o que eu tive que fazer, eu tive que sofrer por um tempo, me frustrando por não conseguir [...] na minha cabeça não entrava como eu tinha deixado ter chegado naquela situação. Na minha cabeça não aceitava como eu tinha deixado acontecer isso. O que eu tinha era incapacidade, porque eu não tinha dinheiro para pagar, eu não me sentia constrangida, mas eu me sentia culpada, eu sentia que tinha falhado e que eu precisava correr atrás para honrar com a minha falha. (S2)

Mas aí acabou que eu não pude pagar, eu realmente fiquei muito chateada, foi uma sensação de dever não cumprido mais ou menos assim. (S4)

Além disso, S10 identifica a incapacidade sentida pelo pai no enfiamento das dívidas feitas pela irmã, que o colocavam no lugar de alguém que falhou nos ensinamentos como pai, mudando a vida e as relações familiares.

[...] isso é uma adaga no coração do meu pai, nesse dia em diante a vida na minha casa mudou, minha mãe e meu pai brigavam todo dia, minha mãe chorava todo dia, meu pai também. E aí eu acho que o meu pai sentia que ele não cumpria o papel dele como pai como se isso não tivesse sido suficiente, por ele ter uma pessoa muito honesta e ter criado os filhos desse jeito. (S10)

Concernente a subcategoria **restrição**, confere-se que os sujeitos relatam a percepção de **restrições** vividas que as dívidas trouxeram para as suas vidas. Desde a restrição de crédito até a restrição de convívio social. A experiência vivenciada de restrição de crédito se dar quando o indivíduo que não consegue pagar a sua dívida, não consegue mais obter crédito e tem seu nome enviado para as instituições que possuem um banco de dados com as pessoas que estão inadimplentes com seus pagamentos. Instituições essas, como o SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) e Serasa. E o próprio acesso à crédito, segundo Bihl (1997) ao mesmo tempo que possibilita uma ascensão do indivíduo à sociedade de consumo, também pode ser um lugar de exclusão.

Confere-se que o fato desses indivíduos estarem com restrição ao crédito, está ligado à ideia de “estar com o nome negativado”, “está com o nome sujo” ou “não estar com nome limpo” percebida nas falas dos sujeitos S1, S2 e S4.

Nessa época o carro foi levado como garantia do empréstimo que não foi pago e aí logo após a nossa situação, nível de vida, caiu um pouco a gente teve que viver com menos para conseguirem pagar as coisas, antes a gente tinha carro, a gente uma pessoa que trabalhava com a gente, então a gente teve que parar de ter, passei anos e anos e anos andando só de ônibus e meu pai com o nome sujo. (S1)

E aí sim eu estou com nome negativado no SPC. (S1)

Mas, já me causou transtorno anteriormente pois já entendi que você sofrer não vai fazer com que consiga pagar, o que preciso é ficar tranquila e conseguir pagar, o meu objetivo é correr atrás para quitar minha dívidas e limpar meu nome, é esse meu objetivo hoje e eu faço de tudo para alcançar meu objetivo. (S2)

[...] eu cheguei até comentar com a minha mãe, parece que eu não posso ter nome limpo em cartão, porque assim, eu ainda passei aquele período 5 anos que o seu nome saiu do SPC, vou dar um exemplo do cartão que chegou aqui da Caixa, eu já

tinha nome sujo em outros bancos [...] só uma coisa que me deixou muito triste, porque eu não queria de jeito nenhum ficar com meu nome negativo neste cartão, porque eu queria ficar com meu nome limpo neste cartão, e aí foi uma coisa que aconteceu porque eu saí do trabalho, não recebi seguro, recebi só o salário do mês mesmo e ficou assim e acabou que eu fiquei com nome sujo no banco. (S4)

Nesse sentido o endividamento tem uma conotação ligada a algo sujo, e a própria significação do que é considerado sujo remete a algo impuro, moralmente condenável, incorreto, marginalizado (MICHAELIS, 2021; DIGIO; 2021). Segundo Sacramento (2009) a ideia de sujeira e limpeza pode adquirir significados que vão desde às questões higiênicas, morais, personalidade, ambientes, havendo uma relação do “sujo” sempre com algo que está degradado, em desordem, em perigo; há uma coação cultural que nos faz rejeitar tudo aquilo que representa essa desordem. E, relacionada a essa ideia, a restrição ao crédito é vista como um lugar que provoca sentimentos de tristeza e sofrimento para os indivíduos.

Além disso, as experiências de restrição também estão relacionadas a momentos de privação vivenciados pelos sujeitos em muitos outros campos das suas vidas, não só no sentido econômico, quando possuem restrição ao crédito, ao consumo. Mas, também, muitos deles consideram o fato de estarem endividados, como algo que os impossibilita de fazerem o que querem, algo que suprime as suas liberdades para realizar sonhos, ter lazer.

[...] porque influencia em diversas áreas da sua vida, você quer juntar dinheiro para várias outras coisas e você não pode, porque você tem que ficar o tempo hoje pensando que tem que pagar a dívida ou então você tem que deixar de fazer várias coisas para ver se consegue logo terminar de quitar logo isso. (S1)

Assim, a gente está andando muito regrado, literalmente, o que ganhamos possibilita pagar as contas, lazer é uma vez ou outra, sem extrapolação, algo muito simples. E eu não me sinto satisfeita, mas na esperança que a gente consiga se reerguer para respirar, porque querendo ou não quando a gente tem dívidas a gente não respira. (S2)

Com empréstimos pessoais para honrar esses compromissos com eles eu me desfiz de um apartamento na praia, eu não tenho carro hoje e me desfiz de um apartamento aqui também e alguns bens que eu tinha eu me desfiz para eu poder ir pagando. (S6)

Quase todo mês eu tenho esses empréstimos para pagar, a gente se priva de saída, de viagem... claro que eu consegui sair, mas eu não conseguia fazer aquele passeio show..., mas fazendo viagem para passar dias fora ou para fora do país essas coisas não... só se você não tiver empréstimo... a gente se priva de ter algumas coisas.

Quando eu quitar a dívida eu vou me sentir aliviado e é o que eu sonho é terminar essa dívida e quando eu penso que quando eu ficar livre. (S9)

Para Townsend (1987) o conceito de privação está relacionado a um estado de desvantagem em relação à sociedade que o indivíduo está inserido, assumindo diferentes formas em cada sociedade, por ser um conceito construído socialmente que envolve condições que são suprimidas, com base na experiência social e no discurso, percebidas coletivamente e individualmente. Desta forma, a privação é vista sempre como a falta de algo que é desejável conforme um consenso social, uma falta que está associada a um maior ou menor grau de sofrimento (BROWN; MADGE, 1982).

E, é percebido nas narrativas dos sujeitos que esse lugar de restrição é um lugar de sensação de aprisionamento, quando nas falas de S1, S2, S3 é feita a alusão da dívida à prisão. Além disso, S1 percebe que “estar presa em uma dívida” como um lugar de sofrimento e adoecimento também. Os demais sujeitos fazem menção que esse aprisionamento gera sentimentos de medo, não relaxamento, nervosismo.

Então estou há anos nessa tentando pagar de certa forma para me ver livre de certa forma, mas quando parece que acabou vem a notícia de que na verdade não acabou, então tem sido assim... Eu me sinto bem mal em relação a isso, me sinto bem ansiosa para me sentir livre e eu sou uma pessoa que eu não gosto de me sentir presa. Então tá preso a uma dívida é algo muito adoecedor porque em certo momento você começa a pensar somente nisso e a pensar o quanto você quer sair daquela situação e é isso. Eu me sinto muito presa a essa dívida. (S1)

Ter dívida é estar numa prisão, e não ter dívida é relaxamento, é respirar profundo. No dia que eu conseguir quitar a dívida eu vou sentir um alívio e liberta. (S2)

Eu acabei de me lembrar dessa dívida, o gatilho, fiquei nervoso, mas eu me lembrei anedoticamente. Tá endividado é está preso é quase como está preso sinto que eu literalmente terei que pagar por alguma coisa. (S3)

S3, S5 e S7 apontam que o fato de não terem dívidas ou a possibilidade de quitação dessas dívidas daria a sensação de liberdade. Confirmando as afirmações dos demais sujeitos gerando ao endividamento significados de restrição. Ou seja, quando se tem dívidas não tem liberdade.

E não ter dívida está mais ligado a sensação de liberdade. Eu acho que não ter dívidas é uma sensação de ser mais livre. Mas, eu tenho a sensação que eu ficaria preso a ela no sentido de que sempre pensando e acabar deixando de tomar algumas decisões de gastos por estar pensando naquela dívida [...] A sensação que

eu tenho que me faz perceber a dívida como prisão é que eu teria que abdicar de muitas coisas para poder conseguir quitar aquela dívida, me livrar da dívida. (S3)

Só o psicológico que nos pressiona, mas nada muito... o que eu falo de psicológico é só em ficar pensando no assunto inventar, se policiar em toda hora tem um botãozinho na sua mente que você tem que gastar menos que você tá devendo, mas nessa questão de tá se pressionando mentalmente. Me pressiona porque todo tipo de responsabilidade de alguma forma pressiona assim, eu fico feliz quando eu consigo pagar, eu me sinto... a sensação é realmente essa de liberdade. Quando eu quitar minha dívida eu vou me sentir livre realmente. (S5)

Não ter dívidas, a sensação de liberdade e ter dívidas talvez seja ter asas e não poder voar, você está preso, mas ao mesmo tempo você sabe que aquela prisão teve um motivo, então é como você se conformasse com a prisão, eu acho que é isso, mas é por aí. (S7)

Ademais, S3 e S7 demonstram que o fato de estarem endividados também restringiu o convívio social. S3 relata que além de ter evitado eventos, contatos sociais, o fato da dívida acabou causando mudanças nas relações sociais que possuía. E S7 percebe que o fato de ter dívidas acaba restringindo as possibilidades de ter lazer com os amigos.

Eu creio que sim, atrapalhou a vida social também [...] E aí, teve um certo momento de eu não ter uma posição nova, nada a dizer eu acabei tentando evitar vê-lo em vários eventos sociais [...] essa dívida afetou sim a minha vida, até por ser um lugar pequeno, todo mundo se conhece. E aí começou a atrapalhar, e aí o dono do mercadinho era uma pessoa que eu tinha sempre amizade, sempre conhecer, sempre falar e tal. E aí, depois eu percebi que hoje em dia a gente não se fala como antes, não sei se ele achava que talvez eu não pagava, por que eu não queria, mas enfim... (S3)

[...]na questão social que eu tive que abrir mão de alguma coisa, passeio com os amigos por exemplo, saída para um restaurante eu tive que abrir mão, porque naquele mês eu já tinha completado o saldo do mês, então tive que abrir mão de comprar o produto da marca que eu gosto que é mais caro para comprar um mais barato, então aquela só quando eu terminar essa dívida. (S7)

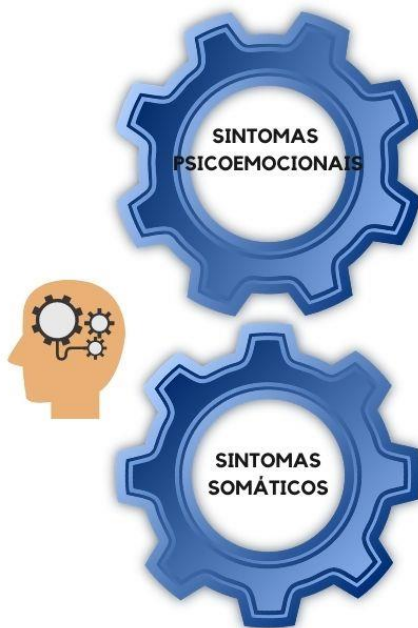
Uma vez que os indivíduos relatam restrições de convívio social isso pode comprometer a saúde, e o equilíbrio psíquico. Afinal, as conexões sociais beneficiam a saúde e o bem-estar (Cohen, 2004).

4.2 Endividamento e Saúde Mental: a dimensão psicofisiológica

Em relação à categorização da **dimensão psicofisiológica** foram identificadas duas subcategorias emergentes ligadas aos aspectos mentais dos indivíduos em relação ao endividamento: **sintomas psicoemocionais**, **sintomas somáticos**.

A dimensão psicofisiológica foi compreendida como os aspectos que relacionam o indivíduo à sua percepção de alterações na sua saúde física relacionados às dívidas. Os sintomas psicoemocionais relacionados ao endividamento experienciados pelos indivíduos foram percebidos através do estresse, ansiedade, preocupação e depressão. Já os sintomas somáticos foram relatados através da perda de sono, alguns desconfortos gástricos, dores de cabeça.

Figura 3- Temas emergentes da categorização da dimensão psicofisiológica sobre endividamento e saúde



Fonte: elaborado pela autora

A subcategoria **sintomas psicoemocionais** foi a situação mais recorrente nas narrativas dos sujeitos, tratando-se da dimensão psicofisiológica relacionada com as experiências de endividamento. Em muitas situações vividas pelos sujeitos, a dívida levou a

situações em que a ansiedade, estresse, depressão e preocupação somado a outras condições que inclusive levou-os a buscar apoio psicológico.

Segundo CANALE e FURLAN (2007, p.24) “a depressão, ao lado da ansiedade, faz parte dos eventos psíquicos mais frequentes encontrados na sociedade”. A ansiedade foi o sintoma mais apontado nas entrevistas, combinados com situações de estresse e preocupação.

S1 relatou o endividamento provocou sucessivas crises de ansiedade que eram agravadas principalmente em momentos que precisava fazer renegociações da dívida. Que inclusive essas crises recorrentes levaram a apresentar um quadro diagnosticado de crise do pânico, precisando começar uma terapêutica medicamentosa e acompanhamento psicológico.

Eu assumo que dependendo da conta... eu me sinto bem ansiosa [...] a dívida já me prejudicou, porque no momento que eu tive que ir fazer uma negociação, quitar uma dívida... foi um processo extremamente desgastante isso me afetou mentalmente, psicologicamente falando, me senti muito mal me senti com muita ansiedade na época. Acredito que a dívida seja um dos fatores que somatizou à minha crise de ansiedade... depois que eu procurei a terapia. O que me motivou a procurar foram as minhas crises de ansiedade, eu não aguentava mais, então eu precisei procurar ajuda, mas a dívida foi um dos fatores que ajudou a gravar para que eu chegasse nesse ponto, se eu tivesse não começar a terapia, eu estaria bem doente... (S1)

Fiquei muito estressada, cheguei a chorar de raiva, coisas que eu nunca tinha feito antes, me sentia emocionalmente afetada, minha saúde física, mental, psicológica e isso foi muito doloroso. No dia que eu fui fazer a negociação, eu passei muito mal e eu senti um ataque de ansiedade, que você se sente meio que frio, você sente a cabeça leve e girando, uns calafrios, falta de ar, e por aí vai, como se fosse uma crise de ansiedade, e você fica se sentindo mal naquela situação principalmente porque eu já tinha passado por algumas situações e então para mim eu estava indo para lá para passar raiva sendo que eu precisava resolver a situação. (S1)

Hoje em dia essa situação não está beleza tanto que mais um ano depois que tudo isso aconteceu eu tive alguns problemas e tive crise de ansiedade recorrente e aí fui diagnosticada com transtorno de ansiedade, crise do pânico e por conta disso eu precisei fazer tratamento com terapia com remédios e tudo mais, então quase dois que eu estou fazendo terapia. (S1)

S2 que também atribui o fato de ter desenvolvido episódios de ansiedade devido às dívidas, relatou que precisou recorrer também a terapia, assim como S1, para ter um melhor enfrentamento diante do endividamento.

E o episódio de ansiedade veio muito nessa época para dar conta de tudo. Até porque depois da crise de ansiedade, eu comecei a fazer exercícios, terapia, a meditar e isso me ajudou muito a me centrar em mim, a colocar as ideias no lugar e colocar em prática. (S2)

Percebe-se também, que a ansiedade vivenciada pelos indivíduos ela se intensifica principalmente quando está perto de fazer os pagamentos, por exemplo. Os indivíduos S3, S7, S9 relataram que bem próximo aos dias de quitação de parcelas das dívidas, eles se sentem bem mais ansiosos ou preocupados.

Momentos que eu achei que iria atrasar e eu acabei tendo crises de ansiedade em relação a isso, porque eu sei que atrasasse os juros rotativos ia vir matando [...] fiquei ansioso por conta disso e todo tempo pensando nessa possibilidade, que não era uma coisa que eu queria que acontecesse. Eu pensava todo tempo na dívida, de não conseguir, de acabar atrasando e depois atrapalhar mais ainda, gastar mais dinheiro para os juros de algo que poderia ser evitado. Ficava com essa sensação. Naquele momento, a dívida quer queira quer não, nos dias mais próximos, cada vez que ia se aproximando e eu não tinha ainda as soluções eu ficava muito ansioso.” (S3)

Quando chegava perto da data de pagar eu ficava logo nervosa, ficava pensando será que eles vão conseguir transferir eu fiquei tão assim que na primeira oportunidade minha mãe que estou sempre acham porque ela ver que eu não ficava bem, eu já ficava angustiada e ansiosa e já ficava pensando [...] hoje em dia meus problemas psicológicos como ansiedade todos têm esse cunho financeiro com toda certeza endividamento impactou a minha saúde eu sou diagnosticada com transtorno generalizado de ansiedade e quando eu fui para terapia um duas coisas que eu falava a dívida dos meus pais e a dívida eram assuntos da própria terapia e eu não tinha controle sobre e isso que me desestabiliza. (S7)

Hoje em dia eu não preciso nem ter dívida, eu já me preocupo em honrar os compromissos que a gente já tem, e quando tá perto de pagar a dívida eu fico preocupado, fico ansioso... bem ansioso... porque sei que vou ter que pagar aquela dívida. (S9)

S10 afirmou que só o fato de ter deixado para fazer um pagamento de algo que comprou só para o dia seguinte, isso foi suficiente para que se sentisse ansioso o dia todo e ficasse pensando no pagamento que precisaria fazer.

Um dia peguei uma tapioca e eu deixei para pagar no outro dia, eu passei o dia pensando que eu tinha que pagar a tapioca no outro dia, e eu fico muito muito ansioso quando eu sei que eu tenho que comprar alguma coisa que é para pagar no mês que vem, eu faço o máximo que eu posso para pagar antes, porque eu fico muito ansioso, enquanto eu não pago aquilo eu não consigo ficar tranquilo, é algo que eu trabalhei muito tempo na psicóloga, eu não consigo desligar enquanto eu não consigo pagar aquele negócio, eu fico com muita ansiedade. (S10)

A **depressão** foi uma situação também relevante nas narrativas dos sujeitos. Segundo a OMS (1994) na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), a depressão (CID 10-32) é caracterizada por alterações ligadas ao humor, perda de energia e interesse, além de outros sintomas acessórios que comprometem a realização de atividades sociais pelos indivíduos, podendo ser uma depressão leve, moderada ou grave.

Os sujeitos S1, S8 e S10 relataram que o endividamento desencadeia episódios depressivos. Inclusive ambos os sujeitos, nas suas entrevistas, destacaram o papel fundamental da procura de apoio psicológico.

Então eu estou um pouco melhor que antes por conta da terapia, se não fosse a terapia, eu acho que eu não estaria mais aqui, eu tenho certeza. (S1)

O endividamento gerou uma chaga tão profunda em mim que a um tema que eu levo para terapia e que permeia as minhas atitudes. (S8)

eu fiz acompanhamento psicológico durante a minha adolescência foi quando estourar essa bomba de endividamento da minha família e eu não sabia o que fazer [...] então aí eu fiz esse acompanhamento durante a adolescência para tentar colocar minha cabeça no lugar para ajudar a entender o que acontecendo [...] olha a dívida me impactou no financeiro para os menores dos fatores. Mas você chegar em casa e ver os seus pais brigando, chorando... é muito difícil para você, um moleque de 14 anos entender por que está acontecendo. Eu entrei em depressão, porque até ontem meus pais eram quase perfeitos, não fosse perfeito que nada é perfeito, e de um dia para o outro vira tudo, um o casamento nunca foi mais o mesmo, meu pai começou a ficar muito triste ficou desentendendo da minha mãe. Em casa todo mundo teve depressão por conta disso, minha família, foi da família

que ia para todo fim de semana na casa dos amigos e tudo, para família que não saia mais né, então por muitos anos foi muito complicado essa situação então é muito complicado então a gente não tá caro, mas nesse assunto. (S10)

Ademais, S1 na sua fala faz alusão ao suicídio quando falou “eu acho que eu não estaria mais aqui, eu tenho certeza”. O suicídio muitas vezes está relacionado a outros transtornos mentais, para a OMS principalmente ligado aos estresses da vida, inclusive problemas financeiros, dentre outras condições (WHO, 2021).

Somado aos relatos vivenciados com ansiedade e estresse no campo psicossocial. Os indivíduos S1, S2, S5, S6, S7 e S9 relataram que o fato de ter dívidas, gera uma constante preocupação, tanto ligada à possíveis imprevistos que podem comprometer o pagamento da dívida. Como também, só o fato de terem consciência que possuem uma dívida para pagar e se aproxima o dia do pagamento, mesmo tento recursos.

Então isso me preocupa assim, mas não seria mais a fonte hoje em dia, depois da terapia, porque eu sei que para poder quitar dívida, consegui ganhar dinheiro para quitar dívida, eu preciso estar bem para ele, mas é algo que não é todo santo dia que a gente consegue ficar sem pensar, tem dias que às vezes eu acordo e penso 'meu Deus o que eu vou fazer, como é que eu vou conseguir pagar isso' e me bate um desespero, mas faz parte então é um dia de cada vez. (S1)

Eu não descanso a mente, preocupada, sabendo que eu tenho que pagar. (S2)

mas eu me preocupo um pouco, eu penso nisso todos os dias uma coisa que a gente não deixa para lá eu fico preocupada, isso não é certo. (S5)

Apesar de que eu sou alegre eu não sou de somatizar eu tento não somatizar, mas é uma coisa inconsciente a gente não quer ir somatizando, mas isso vai acumulando até o ponto que chegou né, começou na cabeça, depois vai para o corpo, que a cabeça comanda tudo né, você vai ficando preocupado e vai piorando e piorando. (S6)

nessa época que a gente tinha dívida a gente tinha preocupação porque a gente não tinha uma reserva financeira [...] então dava assim aquela preocupação poxa se acontecer algum imprevisto já vai desandar a gente vai ter que recorrer alguma outra alternativa. Para mim eu acredito que realmente o fato de você não ter dívidas você não fica despreocupado [...] eu sentia muita preocupação na hora de pagar que você analisa as contas e toda vida que você ia pagar a dívida você fica lembrando no dia que ela vai acabar. (S7)

o que me faz ficar preocupada é o medo da dívida então isso me faz pensar duas vezes antes de comprar alguma coisa de me endividar então eu sempre dou uma olhadinha na minha planilha. (S9)

No que concerne à subcategoria **sintomas somáticos**, apresentou-se nas narrativas dos sujeitos como um reflexo dos sintomas psicoemocionais. Ou seja, a percepção do adoecimento físico veio ligado a fatores emocionais e sofrimento psíquico. Os principais sintomas relatados foram dor de cabeça, insônia e problemas gastrointestinais.

S1 relatou que a experiência de dívida teve impacto direto na sua saúde, o que considera como algo que debilitou sua condição física e mental. E que o fato de ter começado teria ajudado muito no enfrentamento e, conseqüentemente, melhorou a forma como precisava lidar com o endividamento apresentando melhoras na sua saúde.

sim porque na época que eu tive as minhas crises era um período muito complicado, imagina você ficar o tempo todo sentindo dores sentindo falta de ar sentir no seu coração super acelerado. É como se você estivesse o tempo todo vivendo com a saúde muito debilitada então a situação terrível é muito aquela questão ou você se trata fazendo terapia e começa a viver de forma mais normal outra hora você vai estar muito doente mesmo que algumas coisas não pareçam ser sintomas psicológicos mentais e se acaba se tornando sintomático fisicamente. Então você acaba tendo alguma reação física e isso faz com que você tenha uma doença é uma questão bem grave essa de adoecer por causa da dívida, isso mesmo a terapia me ajuda a saber como lidar com as situações da dívida. (S1)

Já S2 e S3 relataram que referentes aos sintomas somáticos ligados ao estresse e preocupação, o endividamento foi a causa das constantes dores de cabeça e enxaqueca, além de disso S5 afirmou que começou a apresentar quadros de insônia também.

Eu sentia muitas dores de cabeça e tive um episódio de ansiedade. Eu me sentia muito estressada, muito preocupada e eu tenho enxaqueca e aumenta muito com as preocupações. (S2)

Eu comumente tenho enxaquecas, mas logo no começo das dívidas os episódios eram mais frequentes. (S3)

de outras formas também aí seria o que a gente conversou seria insônia, dor de cabeça, preocupação excessiva. (S5)

Para S6 e S8 os sintomas somáticos se manifestaram através de sintomas gastrointestinais, úlceras no estômago e síndrome do intestino irritado.

[...] isso já mudou muito na minha vida, o endividamento me deixou muita ansiedade, ainda mais nessa pandemia e hoje eu estou com duas úlceras no estômago de preocupação, de estresse, porque eu assumi uma responsabilidade.
(S6)

custou porque ele me deixa muito mal, isso me deixa com a úlcera com gastrite [...] isso gerou em mim vários episódios de ansiedade, hoje eu tenho síndrome do intestino irritado que veio por conta do estresse. Se foi causa ou consequência eu não sei, mas eu já fui diagnosticada com síndrome do intestino irritado por conta disso, porque toda vida que eu penso isso que eu fico nervosa, irritada, ataca logo o meu intestino, eu já fico com dor de barriga e isso gera sinais físicos em mim. Se eu não vou ter dinheiro para pagar as contas aí pronto eu já começo a passar mal, a suar frio, aí daqui a pouco eu estou com dor de barriga, aí daqui tudo que eu como me faz mal, então quando eu tenho um estresse o meu intestino logo ataca, então eu tenho por consequência da ansiedade foi que eu comecei a terapia.
(S8)

Desta maneira, é perceptível que o endividamento está relacionado as vivências, que pode se apresentar balizando as relações sociais e na construção de subjetividades dos indivíduos. Tornando, assim, evidente que as dimensões encontradas neste estudo são locais importantes para serem considerados pelas instituições de saúde, economia e administração. Desta maneira, as relações do endividamento que são construídas com a saúde mental dos indivíduos estão relacionadas as duas dimensões que se apresentam no cerne deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão acerca dos constructos sobre endividamento leva-se a uma compreensão de que ele representa muitos fenômenos distintos, muito além de apenas um movimento econômico. A própria dívida carrega em si significações morais, éticas, além de conceitos econômicos e sociais, construídos a partir de significados individuais e coletivos, ao longo das sociedades. Afinal, a dívida está no âmbito das relações sociais, representando a essência da sociedade (Graeber, 2014).

Esta dissertação buscou compreender o endividamento de uma maneira mais abrangente, principalmente no que tange às questões de saúde mental. Sabe-se que o endividamento é um fenômeno bastante comum na vida dos indivíduos, ligado ao consumo, a inserção no mercado, acesso à crédito, que tem sido percebido como algo crescente na sociedade e vem despertando interesse para a compreensão desse campo multidisciplinar.

Desta maneira, ao primeiro objetivo específico deste estudo que foi identificar os aspectos mentais que estão relacionados com o endividamento, considera-se com efeito, que na compreensão da relação entre o endividamento dos indivíduos e o seu impacto na saúde mental, percebe-se que o endividamento está relacionado ao contexto de vivências dos sujeitos inseridos na vida social e os elementos psicológicos e mentais são indispensáveis para uma compreensão holística, pois a aquisição de dívidas pode ser percebida com um fator de risco às questões de saúde mental e, também, saúde física. Assim, a partir das narrativas dos sujeitos que participaram do estudo, ficou evidente que o endividamento está relacionado com duas dimensões relacionadas aos aspectos de saúde mental: a psicossocial e a psicofisiológica.

Os achados mostram que no campo psicossocial, a experiência do endividamento é permeada por subjetividades e sentimentos ligados ao “eu” e às relações sociais que esse indivíduo constrói. As vivências, por exemplo, foram decisivas para a forma como os sujeitos são capazes de reagir perante o fenômeno do endividamento. Muitos dos medos e sofrimentos relatados nas narrativas eram provenientes de experiências já vividas de endividamento familiar, principalmente. Outro campo que se apresentou dentro da dimensão psicossocial foi o trabalho, este relacionado ao fato de representar o lugar de onde provêm as garantias e seguranças de pagamento das dívidas, ao mesmo tempo, é um lugar de insatisfações, principalmente relacionados à remuneração, pois nos relatos, o endividamento

é considerado uma alternativa para conseguir suprir todas as necessidades que a renda não é capaz de cobrir.

Soma-se a esse campo psicossocial a culpa e a restrição, bastante presentes nas falas dos sujeitos. A culpa como um lugar que gera nos indivíduos uma frustração e sentimento incapacidade, muito ligado ao senso de “obrigação moral” que permeia os significados da dívida, gerando muitas vezes um conflito interno que os sujeitos não conseguem enfrentar. E, a restrição, como um lugar de vivências sentidas desde à restrição a mais crédito no mercado até a restrição do convívio social. Houve uma identificação coletiva em relacionar o fato de estar endividados com a restrição de liberdade, estar presos. E essa sensação de aprisionamento e restrição que a dívida provoca foi apontado como um lugar de impacto na saúde mental dos indivíduos, ao estimular sentimentos que colaboram com a preocupação, sofrimento, frustração.

Ao segundo objetivo específico deste estudo que foi conhecer a percepção dos sujeitos sobre a relação entre endividamento e saúde mental, apresenta-se existência de outro campo que dimensiona a relação entre o endividamento e a saúde mental, bem mais perceptível pelos próprios indivíduos, que é a dimensão psicofisiológica. Essa é a dimensão reconhecível facilmente pelos sujeitos, que é a que gera diretamente o adoecimento físico, com sintomas psicoemocionais ou somáticos que corroboram com a percepção que ‘ter dívidas afeta as suas vidas e saúde’. Inclusive essa dimensão é permeia durante todas as narrativas dos sujeitos pela a dimensão psicossocial.

Assim, a ansiedade e a depressão foram os problemas de saúde mais relatos pelos indivíduos. Também foram apresentados por eles, momentos de constante preocupação e estresse. Ademais, soma-se a esses relatos momentos em que o endividamento provocou desorganizações psíquicas ligadas ao estresse, ansiedade, depressão, provocando sintomas físicos resultantes delas, reconhecidos como sintomas somáticos. Estes resultantes dos fatores psicoemocionais relatados foram os distúrbios do sono, dores de cabeça, problemas gastrointestinais. É relevante destacar que nos relatos dos indivíduos, a meditação, exercícios físicos e principalmente a terapia, como um lugar de cuidado e apoio psicológico que foi capaz de fazer com que eles tivessem uma melhor resposta, principalmente emocional, perante ao endividamento.

Comprovando-se que o endividamento permeia as questões psicológicas, emocionais e de saúde mental dos indivíduos, incorpora-se suas vivências, subjetividades, relações sociais, relacionando-se com as dimensões psicossociais que contribuem com essa relação.

Evidenciando assim, as contribuições teóricas deste estudo para uma melhor compreensão dessas dimensões relacionadas ao endividamento.

Como limitações desta pesquisa, aponta-se o fato de não terem sido investigadas as relações do endividamento com a saúde mental dos indivíduos que mesmo possuindo muitas dívidas, não têm sua saúde mental afetada, principalmente no que se refere a forma como eles reagem perante às dívidas. Como proposta para trabalhos futuros, abre-se caminho para novas pesquisas que busquem fazer uma melhor compreensão sobre as estratégias de enfrentamento e resiliência dos indivíduos perante o endividamento, buscando diferenciar alguns indivíduos apresentarem melhor resiliência e equilíbrio diante das dívidas e outros indivíduos não, ocasionando o sofrimento psíquico e afetando a saúde mental, podendo assim, encontrar novas relações entre o endividamento e a saúde mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André. **La monnaie: entre violence et confiance**. Odile Jacob, 2002.
- AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André. **La violence de la monnaie**. FeniXX, 1982.
- AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André. **Monnaie souveraine (La)**. Odile Jacob, 1998.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ALBOU, P. Méthods et techniques de la psychologie économique. **Revue de Psychologie Appliquée**, 1984.
- ALBOU, PAUL. **La Psychologie économique**, Presses universitaires de France, collection Le Psychologue, Paris, 1984.
- ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 127-131, 2010.
- AMENT, Joe. An ecological monetary theory. **Ecological Economics**, v. 171, p. 106421, 2020.
- ARAUJO DE CARVALHO, H.; PAULA SOUSA, F.G.; PEÑALOZA FUENTES, V. L. Representação Social do Endividamento Individual. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, 2017.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. FGV Editora, 2006.
- BARRACHO, C. **Lições de psicologia econômica**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- BARROS, José Augusto C. Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? **Saúde e sociedade**, v. 11, p. 67-84, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Editora Edições 70, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

BELLOCH, A.; OLABARRIA, B. El modelo bio-psico-social: un marco de referència necesario para el psicólogo clínico. *Revista Clínica e Salud*, v. 4, n. 2, p. 181-190, 1993.

BIHL, L. **Le surendettement: apparition d'un fléau social.** Le Surendettement des particuliers, Paris, Anthropos, p. 1-7, 1997.

BRIDGES, Sarah; DISNEY, Richard. Dívida e depressão. *Journal of Health Economics*, v. 29, n. 3, pág. 388-403, 2010.

BROWN, Muriel; MADGE, Nicola. **Despite the welfare state:** a report on the SSRC/DHSS programme of research into transmitted deprivation. Heinemann Educational Publishers, 1982.

BUCHER, C. La dette... jusqu'à payer de sa personne. *Psychotropes*, v. 15, n. 3, p. 9-17, 2009

CANALE, Alaíse; FURLAN, Maria Montserrat Diaz Pedrosa. Depressão. *Arquivos do MUDI*, v. 11, n. 1, p. 23-31, 2007.

CASTELLANOS, Pedro Luis. Los modelos explicativos del proceso salud-enfermedad: los determinantes sociales. In: **Salud pública.** McGraw-Hill Interamericana de España, 1997. p. 81-102.

CNC. **Percentual de famílias com dívidas aumenta em agosto de 2018.** Disponível em: < http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/analise_peic_-_agosto_2018.pdf > Acesso em: 20 de mai 2019

COHEN, Sheldon. Social relationships and health. *American psychologist*, v. 59, n. 8, p. 676, 2004.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (CNDSS). **Determinantes Sociais em Saúde**, 2006. Disponível em: <https://www.who.int/social_determinants/resources/ppt_cndss_bz.pdf>. Acesso: 07/10/2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO (CNC). **Um retrato do endividamento e da inadimplência das famílias brasileiras na pandemia**, 2020. Disponível em: <<http://cnc.org.br/sites/default/files/2020-08/An%C3%A1lise%20Peic%20-%20especial%20pandemia%20%28de%20mar%C3%A7o%20a%20julho%20de%202020%29.pdf>>. Acesso em: 19 out.2020

- COSTA, G. F. M. **Superendividamento**: solidariedade e boa-fé. In: MARQUES, Claudia Lima; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli (Coord). Direitos do consumidor endividado: superendividamento e crédito. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.
- CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- DENEGRI, M. **Introducción a la psicología económica**. Bogotá, Colombia: Psicom Editores, 2010.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.
- DWYER, Rachel E. Credit, debt, and inequality. **Annual Review of Sociology**, v. 44, p. 237-261, 2018.
- ESPINOSA, Eduardo Garzón. The origin of money from the money-debt approach. **Iberian Journal of the History of Economic Thought**, v. 6, n. 1, p. 37-54, 2019.
- FERREIRA, V. R. M. **Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão**. Elsevier Academic Press, 2008.
- FERREIRA, V. R. M. Psicologia econômica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 3, p. 1-4, 2007.
- FERREIRA, V. R. M. Psicologia econômica: um campo de expansão. Entrevista concedida a Jornal Psi. **CRPSP: Jornal Psi, São Paulo**, n. 165, mai/jun 2010. Disponível em: <http://www.crp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/165/frames/fr_conversando_psicologo.aspx>. Acesso em 15/06/2021.
- FITCH, Chris; DAVEY, Ryan. Cobrança de dívidas e saúde mental: dez passos para melhorar a recuperação. **Londres: The Royal College of Psychiatrists e the Money Advice Trust**, 2010.

FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 388-394, 2011.

FRADE, C.; MAGALHÃES, S. **Sobreendividamento**: A outraface do crédito. In MARQUES, Claudia Lima; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. **Direitos do consumidor endividado**: superendividamento e crédito. Editora Revista dos Tribunais, 2006.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, 2020.

GARDINER, Geoffrey W. The primacy of trade debts in the development of money. **Credit and State Theories of Money: The Contributions of A. Mitchell Innes**, p. 128-172, 2004.

GATHERGOOD, John. Debt and depression: causal links and social norm effects. **The Economic Journal**, v. 122, n. 563, p. 1094-1114, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAEBER, David. **Debt**: The first five thousand years. New York: Melville House, 2011.

GUÉRIN, Isabelle. **Pour une socioéconomie de la dette**. 2018. In *Pour une socioéconomie engagée: monnaie, finances et alternatives*, édité par Farinet (pseud.), Jérôme Blanc, Isabelle Guérin, Isabelle Hillenkamp, Solène Morvant-Roux, et Hadrien Saiag, 127-52. Paris: Classiques Garnier.

GUNASINGHE, Cerisse et al. Debt, common mental disorders and mental health service use. **Journal of Mental Health**, v. 27, n. 6, p. 520-528, 2018.

GUTTMANN, Robert; PLIHON, Dominique. O endividamento do consumidor no cerne do capitalismo conduzido pelas finanças. **Economia e Sociedade**, v. 17, n. SPE, p. 575-610, 2008.

HARO, Juan García. **Culpa, reparación y perdón**: implicaciones clínicas y terapéuticas (II). *Revista de psicoterapia*, v. 25, n. 98, p. 93-122, 2014.

HENNIGEN, Inês. Superendividamento dos consumidores: uma abordagem a partir da Psicologia Social. **Revista Subjetividades**, v. 10, n. 4, p. 1173-1201, 2016.

- HOFMANN, Ruth; PELAEZ, Victor. A psicologia econômica como resposta ao individualismo metodológico. **Revista Brasileira de Economia Política**, v. 31, n. 2, pág. 262-282, 2011.
- HOURS, Bernard; OULD-AHMED, Pépita. **Dette de qui, dette de quoi?. Une économie anthropologique de la dette**. L'Harmattan, 2013.
- HUDSON, Michael. The archaeology of money: debt versus barter theories of money's origins. **Credit and state theories of money: the contributions of A. Mitchell Innes**, p. 99-127, 2004.
- INNES, A. M. The Credit Theory of Money. **The Banking Law Journal**, v. 31, p. 151–168, Dec./Jan 1914.
- INNES, A. M. What is money? *Banking Law Journal*. May: pp. 377-408. Republished as. **What is Money**, 1913.
- INNES, A. Mitchell. The credit theory of money. **Credit and State Theories of Money: The Contributions of A. Mitchell Innes**, v. 50, 2004.
- LEA, Stephen EG; WEBLEY, Paul; LEVINE, R. Mark. The economic psychology of consumer debt. **Journal of economic psychology**, v. 14, n. 1, p. 85-119, 1993.
- LIPOWSKI, Z. J. Psychosocial aspects of disease. **Annals of Internal Medicine**, v. 71, n. 6, p. 1197-1206, 1969.
- LLEWELYN, Stephen R. **A Review of the Greek Inscriptions and Papyri Published in 1980-81**. Liverpool University Press, 1992.
- LUCENA, Wenner Glaucio Lopes et al. Fatores que influenciam o endividamento e a inadimplência no setor imobiliário da cidade de Toritama-PE à luz das finanças comportamentais. **Holos**, v. 6, p. 90-113, 2014.
- MARQUES, C. L. Sugestões para uma lei sobre o tratamento do superendividamento de pessoas físicas em contratos de crédito ao consumo: proposições com base em pesquisa empírica de 100 casos no Rio Grande do Sul. **Direitos do consumidor endividado**, p. 255-309, 2006.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Maria Helena Barreiro Alves; revisão de Carlos Roberto F. Nogueira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MELTZER, Howard et al. The relationship between personal debt and specific common mental disorders. **The European Journal of Public Health**, v. 23, n. 1, p. 108-113, 2013.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

NIETZSCHE, F. **On the Genealogy of Morality**. Cambridge: Cambridge University Press. (2006 [1887]).

OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS (ONS), **The Social and Economic Circumstances of Adults with Mental Disorders**. London: Stationary Office, 2002.

OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS (ONS). **Household debt inequalities**, 2016.

Disponível em: <

<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/personalandhouseholdfinances/debt/articles/householddebttinequalities/2016-04-04> >. Acesso em 20 set. 2020

OLIVEIRA, T. M. V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, v. 2, n. 3, p. 01-10, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete** Vol. 1. Edusp, 1994.

PAGANINI, M. C. D. The Oxford Handbook of Papyrology. **The Classical Review**, v. 61, n. 1, p. 279-282, 2011. ISBN: 978-0-19-517838-8.

PARIBONI, Riccardo. Household consumer debt, endogenous money and growth: A supermultiplier-based analysis. **PSL Quarterly Review**, v. 69, n. 278, 2016.

PARKER, R. Stephen; HAYTKO, Diana L.; HERMANS, Charles M. Individualism and collectivism: Reconsidering old assumptions. **Journal of International Business Research**, v. 8, n. 1, p. 127, 2009.

PEREZ, Urania Tourinho. Por que a culpa. **Revista Olhar**, v. 2, p. 1, 2000.

PETIT, Emmanuel. L'apport de la psychologie sociale à l'analyse économique. **Revue d'économie politique**, v. 121, n. 6, p. 797-837, 2011.

- POTRICH, A. C. G. et al. Modelando A Propensão Ao Endividamento: Os Fatores Comportamentais E Socioeconômicos São Determinantes? **Rev.fac.cienc.econ.**, Bogotá, v. 24, n. 2, p. 85-110, 2016.
- QUINTANILLA, ISMAEL. Daniel Kahneman y la psicología económica. **Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones**, v. 18, n. 1, p. 95-108, 2002.
- REYNAUD, Pierre-Louis. **A psicologia econômica**. Difusão Europeia do Livro, 1967.
- ROBERTS, Adrienne; SOEDERBERG, Susanne. Politicizing debt and denaturalizing the ‘new normal’. **Critical Sociology**, v. 40, n. 5, p. 657-668, 2014.
- SACRAMENTO, Mercia Helena. **Higiene e representação social: o sujo e o limpo na percepção de futuros professores de Ciências**. Tese]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília (UNB). Brasília, 2009.
- SANTOS, Ana Cordeiro; FRADE, Catarina; OLIVEIRA, Miguel. Perspetivas interdisciplinares sobre consumo e crédito. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 101, p. 03-08, 2013.
- SBICCA, Adriana; FLORIANI, Vinícius; JUK, Yohanna. Expansão do crédito no Brasil e a vulnerabilidade do consumidor. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 8, n. 4, 2012.
- SERVET, JEAN-MICHEL. **Monnaie: quand la dette occulte le partage**, *Revue Française de Socio-Économie*, 12, pp. 125 – 147, 2013
- SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC, BRASIL). **Inadimplência de Pessoas Físicas**, 2020.
- SKINNER, B. F. **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Campinas: Ed. Papyrus, 1991.
- SUJO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sujo/>>. Acesso em: 02/04/2021.
- SUJO. In: **MICHAELIS**, Dicionário Online de Português. Editora Melhoramentos Ltda, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sujo/>>. Acesso em: 27/03/2021.

- THÉRET, Bruno et al. L'argent de la mondialisation: en quoi pose-t-il des problèmes éthiques? Un point de vue régulationniste commonsien. **Sociologies politiques comparées. Revue européenne d'analyse des sociétés politiques**, n. 10, 2008.
- THÉRET, Bruno et al. L'argent de la mondialisation: en quoi pose-t-il des problèmes éthiques? Un point de vue régulationniste commonsien. **Chaire Ethique et Finance. Cahier de recherche**, n. 2, 2011.
- TOLOTTI, Marcia. **As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento**. Elsevier Brasil, 2007.
- TOWNSEND, Peter. Deprivation. **Journal of social policy**, v. 16, n. 2, p. 125-146, 1987.
- TURUNEN, Elina; HIILAMO, Heikki. Health effects of indebtedness: a systematic review. **BMC public health**, v. 14, n. 1, p. 1-8, 2014.
- WARTH, Jacqueline et al. Association between over-indebtedness and antidepressant use: A cross-sectional analysis. **Plos one**, v. 15, n. 7, p. e0236393, 2020.
- WARTH, Jacqueline et al. Over-indebtedness and its association with sleep and sleep medication use. **BMC public health**, v. 19, n. 1, p. 957, 2019.
- WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia** (REF Frias & GG Deaunay, trad.). São Paulo, SP: Centauro (Trabalho original publicado em 1920), 2002.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental health: strengthening our response**, 2018. Disponível em: < <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>. Acesso em 09/10/2020
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **The WHO special initiative for mental health (2019-2023): universal health coverage for mental health**. World Health Organization, 2019. Disponível em: < <https://apps.who.int/iris/handle/10665/310981>>. Acesso em 09/10/2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Impact of economic crises on mental health. **Impact of economic crises on mental health**, 2011.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. Disponível em: < <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em: 20/04/2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. World Health Organization, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The World Health Report 2001: Mental health: new understanding, new hope**. World Health Organization, 2001.

WRAY, L. Randall. **Credit and state theories of money: the contributions of A. Mitchell Innes**. Edward Elgar Publishing, 2004.

YIFTACH-FIRANKO, Uri. **The Cheirographon and the Privatization of Scribal Activity in Early Roman Oxyrhynchos**. Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental health: strengthening our response**, 2018. Disponível em: < <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>. Acesso em 09/10/2020

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **The WHO special initiative for mental health (2019-2023): universal health coverage for mental health**. World Health Organization, 2019. Disponível em: < <https://apps.who.int/iris/handle/10665/310981>>. Acesso em 09/10/2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Impact of economic crises on mental health. Impact of economic crises on mental health**, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. World Health Organization, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The World Health Report 2001: Mental health: new understanding, new hope**. World Health Organization, 2001.

WRAY, L. Randall. **Credit and state theories of money: the contributions of A. Mitchell Innes**. Edward Elgar Publishing, 2004.

YIFTACH-FIRANKO, Uri. **The Cheirographon and the Privatization of Scribal Activity in Early Roman Oxyrhynchos**. Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Gostaria de te convidar a fazer essa entrevista que vai ser gravada, pois não podemos confiar na memória. Mas, a sua identidade vai ser preservada e a qualquer momento que você se sentir desconfortável ou não quiser falar mais, pode ficar à vontade para desistir ou até mesmo deligar o gravador.

(HISTÓRIA DE VIDA)

Eu gostaria queria te convidar a falar um pouco de você... Queria conhecer um pouco mais sobre a sua vida, seu trabalho, a sua família...

Como é a sua rotina de trabalho? Você está satisfeito(a) com a sua remuneração?

(HÁBITOS DE CONSUMO)

E o que você faz com o salário que recebe?

O que você gosta de comprar?

(PERCEPÇÃO SOBRE AS DÍVIDAS)

O que você ganha te possibilita honrar com suas responsabilidades financeiras, pagamentos de conta, comprar coisas que você deseja? Como você se sente em relação a isso?

Como você se sente quando não consegue pagar alguma conta ou precisa fazer alguma dívida?

O que representa para você ter dívidas ou não?

Você acha que estar endividado compromete algum aspecto da sua vida, da sua saúde?

APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: **“ENDIVIDAMENTO: QUANDO A DÍVIDA COMPROMETE A SAÚDE MENTAL”**, realizado por ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS. Nesse estudo pretendemos: compreender como o endividamento pode impactar na saúde mental dos indivíduos. O motivo que nos leva a estudar esse assunto deve-se a tentar compreender como o endividamento podem impactar na saúde mental dos indivíduos que possuem dívidas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de uma entrevista sobre o tema proposto, a ser realizada juntamente com a pesquisadora, os dados preservam a identidade dos participantes, utilizarei o método de abordagem qualitativa tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade. A entrevista será gravada e poderá ter duração média de 1 hora. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. O(a) senhor(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador(a) ou pela instituição.

Esse estudo pesquisa apresenta mínimos riscos aos participantes, tais como ansiedade e/ou eventual constrangimento ao se envolver nas entrevistas. Tais riscos serão minimizados mediante abordagem individualizada a cada participante que aceite participar do estudo; qualquer desconforto causado ao participante, o mesmo poderá a qualquer momento deixar de participar da pesquisa. Sua participação trará como benefícios explicitam-se as evidências para melhoria de processos formativos na atenção hospitalar e sugestões qualquer momento deixar de participar da pesquisa.

Serão garantidos o sigilo de identidade e privacidade dos dados coletados durante todas as fases da pesquisa. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Conforme prevê a resolução 510/2016 em seu Art. 2: o participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e

instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o pesquisador responsável, Isadora Morais Duarte de Vasconcelos, pelo telefone (85) 99905-7656, e-mail: isadoramdv@gmail.com, e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone. 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

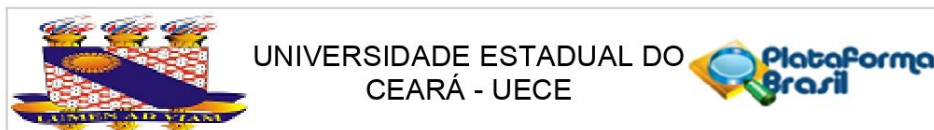
Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENVIDAMENTO: QUANDO A DÍVIDA COMPROMETE A SAÚDE MENTAL

Pesquisador: ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 43032521.1.0000.5534

Instituição Proponente: Centro de Estudos Sociais Aplicados

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.584.527

Apresentação do Projeto:

O estudo propõe investigar a relação entre o endividamento dos indivíduos e a sua saúde mental e lança a seguinte indagação: Como ocorre a relação entre o endividamento dos indivíduos e o seu impacto na saúde mental?

Objetivo da Pesquisa:

2.OBJETIVOS

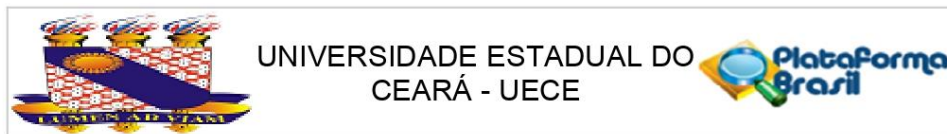
2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender a relação entre o endividamento dos indivíduos e o impacto na sua na saúde mental.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os aspectos mentais que estão relacionados com o fenômeno do endividamento dos indivíduos;
- Conhecer a percepção dos sujeitos sobre a relação entre endividamento e saúde mental.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br



Continuação do Parecer: 4.584.527

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No TCLE, a autora esclarece dos riscos e benefícios, tudo em conformidade com os direcionamentos do CONEP.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Naquilo que concerne à execução da pesquisa, a autora diz: As entrevistas poderão ser presenciais, com todas as medidas sanitárias exigidas e consentimento do participante, ou on-line com a utilização das plataformas digitais, como o Google Meets ou Zoom, devido ao momento de isolamento social que se vive no contexto da pandemia do COVID-19, caso a quarentena seja estendida, para não colocar em risco a saúde da pesquisadora e dos participantes.

Quanto ao recrutamento dos sujeitos: A seleção dos sujeitos será não-probabilística por amostragem intencional, quando a amostra é determinada pelo pesquisador através de observações que atendam ao objeto de estudo e a critérios a serem escolhidos na população (OLIVEIRA, 2001). Além disso, o número de sujeitos selecionados não foi determinado a priori, pois serão adotados critérios de saturação teórica, quando há recorrência dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes, por meio do processo contínuo da análise de dados durante a coleta.

A autora não propõe pesquisa de campo em instituição. Logo, não há necessidade de anuência institucional.

A pesquisa contempla todos os procedimentos adotados para recrutamento dos participantes, pesquisa de campo e protocolos para minimizar os riscos de infecção pelo coronavírus.

A pesquisadora situa ainda: cronograma, orçamento e aspectos éticos da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

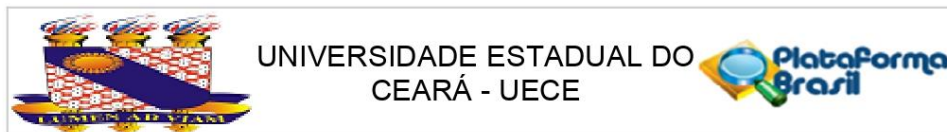
TCLE em conformidade com as exigências do CONEP/CEP - (Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012) e 510/2016 (BRASIL, 2016) do Conselho Nacional de Saúde)

Não há anuência institucional, pois não há proposta de pesquisa em instituição.

Recomendações:

Enviar relatório final.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700	CEP: 60.714-903
Bairro: Itaperi	
UF: CE	Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890	Fax: (85)3101-9906
	E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 4.584.527

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1681857.pdf	13/01/2021 21:58:49		Aceito
Folha de Rosto	FOLHAROSTO_PLABR_ISADORA.pdf	13/01/2021 21:58:30	ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PLABR_ISADORA.docx	13/01/2021 21:58:21	ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PLABR_ISADORA.docx	13/01/2021 21:53:37	ISADORA MORAIS DUARTE DE VASCONCELOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 10 de Março de 2021

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br